

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Neilomar dos Santos

Verdadeiramente crer: passagem do “crer em” ao “crer verdadeiramente” no processo de amadurecimento e de simbolização de seminaristas católicos.

Mestrado em Ciências da Religião

São Paulo

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Neilomar dos Santos

Verdadeiramente crer: passagem do “crer em” ao “crer verdadeiramente” no processo de amadurecimento e de simbolização de seminaristas católicos.

Mestrado em Ciências da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. João Edênio Reis Valle.

São Paulo

2008

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

## **Dedicatória**

*A minha mãe, dona Lourdes, “in memoriam”, mulher que celebrou comigo a sua maternagem ao longo de nossas vidas e pôde ser exemplo de MULHER FELIZ.*

*Ao meu sobrinho, Neilo Benedito dos Santos Junior: Juninho, “in memoriam”, menino que viveu conosco, ao longo dos treze anos que esteve por aqui.*

*A eles minha saudade!!!*

## **Agradecimento**

*A Deus pelo dom da vida, e iluminação nos momentos mais atribulados.*

*Ao meu pai – Nédilo, meu maior herói.*

*Aos meus mais amados, Lúdia, Vinícius e Melissa, pela presença em minha vida em todos os momentos.*

*Aos meus adorados irmãos, Neilo, Neila, Mônica, Cláudia e Nádia, pela vida feliz que sempre tive e tenho com eles.*

*A meu orientador e AMIGO Prof. Dr. Edênio Valle, pela dedicação, atenção e compreensão.*

*Ao meu sogro – Eduardo e Minha Sogra Mônica, pelo aconchego familiar sempre disposto.*

*A minha amiga Eliana Massih, meu anjo da guarda em São Paulo.*

*Ao Programa de Ciências da Religião, na pessoa da Andréia, nossa querida secretária e salva-vidas.*

*À Fundação Porticus, pelo imenso apoio aos meus estudos em São Paulo.*

*Aos meus amigos Pe. Deolino, Ênio, Cristina, Ir. Fátima e Rosa, companheiros de grupo de pesquisa na PUC SP.*

*À diocese que me dispôs o trabalho e pesquisa, meu muito obrigado!*

*E a todos que participaram de forma direta e indireta deste período de minha vida, meu mais sincero OBRIGADO!*

## RESUMO

O tema abordado na presente dissertação é o do processo psicológico do transcender de um “Crer em” (em si-mesmo), a partir das primeiras Ilusões representativas de cuidado materno, para o “Crer verdadeiramente” (crer em Deus), motivo e missão da vida destes seminaristas descritos nesta dissertação. Gui0-me neste esforço pela teoria de Donald Woods Winnicott.

Parte-se da hipótese de que o seminarista com déficit no amadurecimento de seu self (capacidade de se representar e representar o outro) tendem a viver o processo de formação seminarística de forma normótica (destituída de afeto, ou vivido de forma confusa).

Esta hipótese foi testada em cinco casos clínicos descritos nesta dissertação, e buscará concluir que a passagem do Crer em para o crer verdadeiramente dependerá exatamente da maior ou menor representação afetiva, aqui chamada de simbolização.

O trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, se faz uma contextualização acerca da história da igreja no Brasil e o mundo, no que se refere a formação de candidatos a vida presbiteral. No segundo, trabalha-se um olhar sociológico Durkheimiano, para se tratar da questão da anomia e se lança um olhar psicológico sobre a questão em estudo, amadurecimento psicológico humano, e ilusão no processo de desenvolvimento da crença, desenvolvimento do *self* e normopatia. No fim, em um terceiro capítulo, mostrar-se descritiva e analiticamente como se dá o percurso de amadurecimento psicológico destes seminaristas descritos, e se respalda a hipótese de que o trabalho clínico - psicológico tem valor expressivo na cooperação entre formadores e psicoterapeutas no processo formativo nos seminários católicos.

**Palavras chave:** Psicoterapia de clérigos; amadurecimento humano; “crer em”; teoria winnicottiana.

## Summary

This dissertation discusses the psychological process that brings a person during his life from the “belief in” (in the meaning given by Donald W. Winnicott to this term) to a true personal “believing” attitude along the years of formation to the priesthood in a Catholic Seminary. The dissertation sees this process in the context of a psychoterapic process under the supervision of a clinical psychologist who works together with the pedagogical staff of the seminary, but in a separated professional way.

I go out from the hypothesis that a seminarian with a deficit of symbolization (Joyce Mc Dougall) is inclined to live this process in a “normotic way. This hypothesis is tested in 5 clinical concrete cases. The passage from the “believe in” to an attitude of personal “believing” will depend from the way the future priest interiorizes his priestly vocation and is more or less able to represent it.

The dissertation is divided in three main chapters. In the first chapter I present a general overview and contextualization of the history of the different pedagogical stiles adopted by the Catholic Church during the centuries, mainly from the Trient Council till our days. Special consideration is given to the changes brought by the Vatican II Council and to the cultural modern situation.

In the second chapter, I try to consider the today’s circumstances of the priestly formation from a sociological perspective, taking as reference the concept of “anomia” from E. Durkheim. A second and more exact look is given to the question from the psychological viewpoint. My main reference here is W. D.Winnicott, but I consider also other psychologists. Finaly, in a third chapter, I try to make a more sistematic analitical reflection about the human process of maturation of seminarians who are submitted to a formal psychotherapy. In the conclusion I try to present some psychological indications to the increasing group of clinical psychologists who are giving their cooperation to the Church in the difficult task of bringing the students to a personal interiorization of the ideal presented to them by the Church as the ideal of a priestly life.

**Keywords:** psychotapic, belienving, belief in.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	01
<b>I Capítulo:</b>	
Da formação ao sacerdócio: Contextualização histórica e enfoques Conceituais .....	06
1. Perspectivas e enfoques Conceituais.....	06
2. Evolução histórica recente da formação .....	08
3. Aprendendo da história da Igreja.....	13
4. Da história a prática.....	17
5. Psicologia da vida religiosa – Um pensar rico.....	19
6. A Formação para a vida sacerdotal.....	22
6.1. O perfil do Formador.....	22
6.2 . O Formador – Continente .....	26
6.3 O Formando: Reconhecendo-o.....	29
<b>II Capítulo:</b>	
1. Construções e Desconstruções possíveis.....	34
1. 1.Um olhar Sociológico.....	35
1.2 A anomia enquanto um fator que influi sobre o jovem de hoje...35	
1.3. Explicitando o conceito de anomia .....	37
1.4. Outras considerações de ordem crítica.....	41
2. A Psicologia da Religião – História e Aplicação .....	43
2.1. O conceito de Ilusão.....	45
2.2. Experiência Religiosa e Representação.....	48

3. O Amadurecimento Humano: visão de conjunto.....	51
3.1. Do “Crer em” ao “Crer verdadeiramente” .....	51
4. Normopatía e desenvolvimento do self no contexto formativo.....	56
4.1. A normopatía, simbolização e congelamento do afeto.....	56
4.2. Normopatía e falso self.....	59
4.3. O verdadeiro e falso <i>self</i> .....	63

### *Capítulo III*

1. Apresentação dos resultados colhidos.....	65
1.2 – Os casos Clínicos.....	66
2– Os jovens na Intimidade.....	67
2.1 – Pedro.....	67
2.1.2 - Renato .....	72
2.1.3 Ricardo.....	76
2.1.4 Sérgio.....	80
2.1.5 Guilherme.....	84
3. Discussão dos casos atendidos.....	86
4. Finalizando a discussão.....	94
5. Conclusão.....	95
BIBLIOGRAFIA.....	98

## Introdução

Esta dissertação trata de um tema de grande importância, seja pela investigação mais atenta da intimidade de seminaristas, como por tratar especificamente destes. Pois, na pesquisa bibliográfica é de fato fácil esbarrar em temas que falam do sacerdote, da história da igreja, da história dos seminários, contudo, quando o tema é de fato o seminarista, fica bem mais difícil de encontrar material teórico que trate desta população.

1- Quando esta temática ainda estava em gestação, me empenhei em buscar materiais teóricos e metodológicos que pudessem alicerçar minha pesquisa. Entre as muitas consultas e buscas encontrei o livro *A Formação Religiosa em Questão* (PEREIRA, 2004), escrito com o objetivo de formalizar uma discussão preocupante que há muito tempo repousava silenciosa, a respeito da formação institucional e pessoal do Seminário Católico hoje. Ao tomar contato com este livro, tive plena convicção que era viável desenvolver o projeto por mim intuído. A leitura de (PEREIRA, 2004), confirmou ainda, minha convicção de que o trabalho do psicólogo clínico tem lugar próprio dentro dos seminários. Entretanto, foi na perspectiva de Donald Woods Winnicott<sup>1</sup> que busquei entender os termos “crer em” e desenvolver o conceito “crer verdadeiramente” por mim usados no título dessa dissertação.

2- Utilizarei o pensar da Igreja Católica expresso em seus documentos oficiais, preferencialmente Pastores Dabo Vobis (PDB 43 e 44) de João Paulo II e as Diretrizes básicas para a formação presbiteral, que a CNBB formulou para a aplicação da PDB ao Brasil. Em ambas aparecem observações de meu interesse no que se relaciona à interface entre o psico-afetivo e o psico-espiritual e religioso. Eis uma amostra breve do cuidado da Igreja nesse campo ainda carente de aprofundamento:

Da PDV – Sem uma oportuna formação humana, toda a formação ‘Sem uma oportuna formação humana, toda a formação sacerdotal ficaria privada do seu necessário fundamento (...) O sacerdote fala a homens

---

<sup>1</sup> Winnicott, Pediatra inglês, não se situa entre os pensadores que desenvolveram um grande sistema teórico. Ao contrário, ele articulou um ponto de vista sobre a origem e o desenvolvimento do sujeito psíquico, que pode ser descrito como uma formulação na qual o ser humano resulta do encontro de um potencial inato qualquer com a cultura. (PLYMOUTH, 1896 - Londres, 1971).

concretos (...) Para que o seu ministério seja credível e aceitável, é necessário que ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros (...) Que seja capaz de conhecer em profundidade a alma humana com seus problemas e dificuldades, e ser um facilitador através do diálogo (...) Devem cultivar uma série de qualidades humanas necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de comportar o peso das responsabilidades pastorais.

3- Teoricamente, na perspectiva da Psico-sociologia crítica, usarei E. Durkheim (1969) e sua teoria da anomia. Para uma análise do que se passa no campo mais restrito dos seminários considerarei, também, a recente pesquisa psicossocial de Silvio José Benelli (2005) realizada em três seminários do estado de São Paulo.

No campo psicológico, busquei teorias que tratassem do amadurecimento do *self*, entendendo que o *self* surge de uma matriz relacional ilusória ao longo de uma linha processual, que vai da onipotência alucinatória (sustentada pela cumplicidade da mãe que satisfaz as necessidades da criança, tão logo essas se manifestem) à percepção mais realística, na qual a criança, atravessando o drama da frustração dos desejos, aprende a reconhecer e aceitar os limites do *self* e a existência autônoma do diferente de si, e da Ilusão.

Minha perspectiva é, portanto, largamente de D.W. Winnicott, para quem nossas ilusões são nossas iluminações. A ilusão não é um erro, tampouco uma verdade; mas o lugar de surgimento do verdadeiro, porta aberta para um percurso. Continuando, em Winnicott, encontrei minha referência para conectar, processos de desenvolvimento ou estagnação da “experiência religiosa” da qual parte o seminarista ao se dedicar intensivamente ao cultivo de sua vocação ao ministério.

Autores como, Anna-Maria Rizzuto (2006), Mario Aletti (2004) e Elsa Oliveira Dias (2003) foram meus guias no aprofundamento de minha compreensão, do que seja o amadurecimento do *self* em sua dimensão humana e religiosa. Guiar-me-ei pela reflexão de RIZZUTO (2006), por esta aplicar o modelo da ilusão e, em geral, a teoria das relações objetais à religião,

ancorada na prática clínica e bem distante da tentação de discursos exaustivos sobre religião.

Rizzuto considera a preocupação de Deus como um objeto transicional ilusório (em termos Winnicottianos), mostra sua origem e sua função psíquica ao longo de todo o ciclo de vida, afirma sua universalidade, ao menos de fato, em nosso contexto cultural e sublinha sua incidência na formação de um posicionamento frente a Deus e a religião.

4- Amparado por estes autores, meu objetivo principal é o de demonstrar e evidenciar o papel e função do acompanhamento psicoterapêutico no processo de formação do presbítero católico, e sua importância quanto à passagem do “crer em” ao “crer verdadeiramente” no processo de amadurecimento e de simbolização psicológica em seminaristas católicos. Ademais, analisarei a capacidade de simbolização, no que se refere à capacidade de representar Deus, decorrente do desenvolvimento de seu *self*.

Pretendo secundariamente, apontar alguns elementos para um trabalho psico-pedagógico conjunto e integrado entre psicólogo e formadores que seja de favorecer a qualidade de simbolização de seminaristas.

Finalmente, tendo em vista que o processo de construção de modelos formativos em muitos seminários ainda acontece de forma muito amadorística, tenho a intenção de colaborar para um diálogo mais apropriado entre a psicologia, a formação religiosa e teológica, no que tange a formação humano-afetiva integral do futuro padre.

São aqui muitos os temas de interesse comum. Para exemplificar, do lado da Psicologia: o estado epistemológico (teoria e prática, possibilidades e limites) dessa abordagem na formação sacerdotal; a leitura e interpretação psicológicas da experiência religiosa e da representação de Deus, o amadurecimento psico-religioso, a análise institucional, a linguagem simbólica, a relação entre saúde física e mental, a afetividade e a sexualidade humanas, o conceito e os métodos psicoterapêuticos. Do lado da igreja: sua perspectiva teológica e espiritual, sua antropologia própria, sua visão do sagrado cristão, sua concepção de santidade, sua proposta de vocação e seu método

pedagógico. São temas exigentes que podem ser apenas superficialmente tangenciados em uma dissertação de mestrado, mas eles decorrem de meu envolvimento direto como psicólogo clínico leigo, em um processo formativo da Igreja Católica que não pode ignorar toda essa gama de questões que só poderão ser bem equacionadas e direcionadas mediante um trabalho conjunto de teólogos, formadores e psicólogos. Minha colaboração vem é do ângulo da psicoterapia.

O psicólogo penso eu, deve saber abrir-se tanto a um pensar científico e crítico (que vai além do que a teologia pode dizer), quanto reconhecer e apontar, desde sua ciência as necessidades e motivações profundas dos formadores, as quais devem encontrar respostas nos métodos e técnicas psicológicas a serem aplicados. É dessa síntese que nascerá a competência profissional do psicólogo da religião, do psicoterapeuta capaz de integrar uma equipe formativa à altura dos desafios de hoje, e a luz destes desafios ajudar os candidatos ao sacerdócio a trabalharem seu amadurecimento emocional, superando relíquias de uma religiosidade e/ou experiência religiosa eventualmente neurótica, e amadurecendo de um “crer em” para um “crer verdadeiramente”<sup>2</sup>.

5- A pesquisa se dará pelo estudo de cinco casos, e buscarei demonstrar o quanto cada um desses seminaristas padecia de uma representação distorcida acerca de si, e conseqüentemente de Deus, motivo e meta do ideal sacerdotal e indicando, simultaneamente, as mudanças suscitadas pelo acompanhamento psicoterapêutico.

O trabalho proposto a esses seminarista foi de uma psicoterapia individual, atendimento que visa ao tratamento dos distúrbios psicológicos, emocionais, intelectuais, funcionais, evolutivos, entre outros. As sessões tiveram duração de 50 minutos cada, por um período de 6 (seis) meses.

6- A descrição do trabalho é simples, constando de três capítulos. O primeiro visa contextualizar, também historicamente, o que a Igreja tem como meta na formação de seus padres. Entra aqui a visão teológica desse processo. O segundo capítulo oferece o quadro teórico, sociológico e

---

<sup>2</sup> Desse e de outros conceitos fundamentais para esta dissertação se falará no capítulo II.

psicológico da dissertação, enquanto que no terceiro capítulo descrevo a evolução concreta de cinco seminaristas, ao longo do processo de acompanhamento psicoterápico dentro do quadro de sua formação seminarística.

## CAPÍTULO I

### A formação ao sacerdócio: contextuação histórica e enfoques conceituais

#### 1. Perspectivas e enfoques conceituais

Quero esclarecer, de imediato, que a presente dissertação se ocupa com os processos psicológicos vividos pelos jovens que se preparam para a vida presbiteral em casas de formação da Igreja Católica. Os sujeitos da pesquisa pertencem todos a Seminários católicos do Estado de São Paulo.

O ângulo de levantamento e análise dos dados é o da psicologia, em um sentido a ser melhor explicitado mais adiante. A perspectiva, portanto, não é propriamente nem a eclesial,<sup>3</sup> nem a institucional<sup>4</sup> (PEREIRA, 2003; BENELLI, 2006; BENEDETTI, 1999; PAULA 2006; COZZENS, 2004; PINTO, 2007; MASSIH, 2005; VALLE, 2004) ou a teológico-espiritual<sup>5</sup>. Embora atenta a essas três dimensões, a dissertação se refere de maneira direta à dimensão psicoafetiva do processo assim como esse se verifica no desenvolvimento global dos candidatos ao presbiterado. Ressalto ainda, que escapa aos objetivos do trabalho, referir-me a problemática da formação e crise de

---

<sup>3</sup> Essas, para a Igreja e os formadores, são fundamentais. O psicólogo que atua no contexto da formação seminarística não as pode ignorar, mas deve manter sua competência e atribuição próprias. O que chamo aqui de perspectiva eclesial é a que se encontra nos textos oficiais de Igreja e serão mencionados ao longo do capítulo. Alguns provêm diretamente de Roma; outros correspondem a diretrizes emanadas da CNBB. Não raro dioceses mais organizadas elaboram suas próprias normas e projetos formativos. Tais textos buscam levar em conta os aspectos psicológicos da formação mas, como é natural, sua preocupação primeira é com os valores em jogo e o modelo de padre desejado pela Igreja.

<sup>4</sup> O que entendo por “institucional” pode ser encontrado em trabalhos de psicólogos como os de PEREIRA (2003); BENELLI (2006); BENEDETTI, L.R. O “novo clero”: arcaico ou moderno. In: *Revista Eclesiástica Brasileira, 1999, No. 233, p.....*. Quanto ao aspecto psicoterapêutico da psicodinâmica vivenciada pelo clero, uma temática e ângulo já muito vizinha ao objeto dessa dissertação, podem ser citados: PAULA, J.R.M de. *Identidade social do sacerdote católico brasileiro*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, USP, 2006; COZZENS (2001 e 2004) e PINTO (2007); MASSIH (2005) e VALLE, João Edênio R. O psicoterapeuta ante a vivência espiritual de seus clientes. Em: Equipe de Reflexão Psicológica. *Desafios contemporâneos à vida religiosa*. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 2004, p. 21-44.

<sup>5</sup> Expressa bem este prisma de análise o livro de Imoda, Franco. *Psicologia e mistério. O desenvolvimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1996, obra na qual se pode encontrar uma bibliografia substantiva sobre esse enfoque que liga mais especificamente a espiritualidade aos processos psicodinâmicos do amadurecimento religioso.



identidade pela qual passa atualmente o clero católico <sup>6</sup> (HARING, 1995; RIBEIRO, 1990; MARONCLE, 1992; MEDEIROS, 2005; VALLE, 2003)

Dessa forma, o caminho a ser aqui trilhado se volta prioritariamente para o processo psicodinâmico; este se dá pelo estudo dos processos mentais e emocionais subjacentes ao comportamento humano, e de sua motivação, em especial quando se manifestam em resposta inconsciente às influências psicossociais dos ambientes formativos nos quais a Igreja busca ajudá-los a discernir seu desejo vocacional e, ao mesmo tempo, a interiorizar as motivações, estilos e objetivos que ela julga necessários em um presbítero católico<sup>7</sup>, num processo de transcender de um crer em si mesmo “Crer em”, para um “crer verdadeiramente” crer em Deus, como um percurso de maturação vocacional e espiritual.

A idéia de “crença em...” é um dos primeiros termos do texto onde se pode constatar a originalidade do pensamento winnicottiano sobre a moralidade. Winnicott trouxe esta idéia em analogia à crença que a criança tem em Deus; a “crença em...” é algo a se desenvolver na criança, diz respeito a uma confiança que ela já tenha sobre uma experiência.

A criança passa a acreditar naquilo que ela já sabe. Segundo Winnicott, por exemplo, pode-se transmitir o deus da casa para uma criança que desenvolveu a “crença em...”; porém, se ela não tiver desenvolvido a “crença em...” Deus será um mero truque de pedagogia. Ao analisar esta idéia de crer em Deus, Winnicott afirmou que as religiões fizeram muito do pecado original, mas nenhuma chegou à idéia da “bondade original”, onde se cria e recria o conceito de Deus.

---

<sup>6</sup> Para uma informação mais detalhada: cf HÄRING, Bernhard. *Que padres... para a Igreja?* Aparecida e Porto: Editora Santuário e Editorial Perpétuo Socorro 1995; C.N.P, *Presbíteros do Brasil construindo história. Instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros*. São Paulo: Paulus, 2001; RIBEIRO, Jorge Ponciano e outros. *Padres casados. Depoimentos e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1990; MARONCLE, Jeannine. *Sobre a afetividade sacerdotal*, Petrópolis: Vozes, 1992; VALLE, Edênio (Org.). *Padre, você é feliz. Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003; MEDEIROS, Katia M.C e Fernandes, S. R.A. *O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005; CELAM-DEVYM. *Reaviva el don de Dios. La formación permanente de los presbíteros em América Latina y em el Caribe*. Bogotá, 2003

<sup>7</sup> Por motivos metodológicos e pelos limites que uma dissertação de mestrado comporta, não será feita uma distinção mais acurada entre os candidatos à vida religiosa e os que almejam o presbiterado como diocesanos.

Os assuntos relativos à esfera da religiosidade costumam ser controversos, entre outras razões, pelo fato de lidarem com dimensões da existência humana que se situam nas raias do sentido existencial último, o da transcendência, estando necessariamente conectados com a experiência do sagrado. Acresce que em torno aos modelos existentes de sacerdócio, em especial em torno ao judaico-cristão, existe uma tradição de milênios no referente ao que é essencial a esse ministro sagrado.

As normas exigidas do presbítero católico comportam aspectos teológico-dogmáticos e estão cercadas ora pela inquestionabilidade do sagrado, ora pelo respeito a uma *pietas* que a Igreja considera indispensável em seus ministros e que se acha associada a um estilo próprio de vida que tem na reserva total a Deus e no serviço presbiteral, um de seus traços mais característicos.

Além disto, há que se considerar que o padre, em nossa sociedade, goza de prestígio social e ocupa uma posição de liderança seja na comunidade católica, seja na sociedade. Ele, devido à sua tarefa de administrador dos bens e das bênçãos divinas, goza de um poder que o distingue dos demais. Há ainda dois pontos, talvez os mais sutis e delicados: do padre se espera que seja um “modelo do rebanho” no seguimento de Jesus, segundo os valores do Evangelho e um homem engajado em uma comunidade presbiteral, sob a direção hierárquica do Bispo. Ou seja, sua vida deve estar voltada à santidade, aos sacramentos, ao anúncio profético e à missão, mas sempre pela via de uma identificação pessoal com a Igreja e o povo de Deus.

Só desde essa visão se pode entender porque a Igreja insiste, apesar da crise vivida pelos presbíteros e pelos seminários na abertura da Igreja à modernidade, em reafirmar a validade e coerência da lei do celibato e, mais ainda, em pedir aos presbíteros que façam da “caridade pastoral” o motivo-força de sua vida e trabalho, na trilha do modelo do Bom Pastor.

Não me parece supérfluo mencionar ainda uma tensão presente nos modelos de padre (cf Antoniazzi<sup>8</sup>, 2003, p. 122-125) hoje em discussão. Refiro-me a todo o movimento que levou a Igreja da América Latina e do Brasil a fazer da opção preferencial pelos pobres um dos eixos centrais do modelo de padre que se faz necessário em uma realidade como a nossa. Contrapondo-se a esse modelo, nos dois últimos decênios, vemos surgir um outro tipo de padre, cuja mais clara expressão pode-se encontrar nos presbíteros ligados aos movimentos de índole carismática. No meio termo, encontram-se também os que são cooptados pela corrente vigente na cultura globalizada que prevalece hoje em quase todos os setores da vida humana e da sociedade.

É levando em conta todos esses aspectos que desejo refletir de maneira mais detida acerca da pertinência e fundamental necessidade de se cuidar da dimensão psicoterapêutica no contexto de uma formação realmente integral do jovem que almeja um dia ser sacerdote na Igreja.

## **2. Evolução histórica recente da formação.**

Antes, porém, julgo imprescindível ver mais de perto a história do processo formativo, em suas sucessivas formas de organização e de concepções psicopedagógicas.

A história da formação sacerdotal é complexa e diversificada. Reduccionismos, nesse campo, são inadequados, pois se trata de analisar a evolução de um fenômeno antiqüíssimo, para o qual concorrem fatores das mais diversas naturezas e que, não obstante suas várias formulações, nunca deixaram de inspirar homens e mulheres, conferindo sentido existencial à vida e conduzindo a encaminhamentos de afirmação e negação com relação à própria vida.

É exatamente nesse aspecto que se orienta minha reflexão: determinar até que ponto a formação para a vida sacerdotal, reafirma ou nega a identidade daqueles que a escolhem como opção vocacional, estilo original

---

<sup>8</sup> ANTONIAZZI, Alberto. Uma leitura teológico-pastoral. In: Valle, Edênio. *Padre, você é feliz. Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 118-142.

de profissão e, sobretudo, razão de ser, fundada em uma experiência psicoespiritualmente saudável de Deus e de serviço ao próximo.

Por isso, mais do que lançar um olhar apressado e quiçá tendencioso sobre a história, sobre a Igreja e sobre a instituição seminarística e o sacerdócio, meu desejo é compreender bem o que diz o magistério para, em seguida, ler sua posposta à luz da psicologia e da evolução por vezes problemática que encontro nos seminaristas que atendo como psicoterapeuta.

No fundo, meu objetivo essencial e intuição básica são a da necessidade de me colocar como psicólogo clínico, no encontro com o sujeito vivo e concreto, desejoso, mas nem sempre capaz de optar pelo ideal sacerdotal, sujeito esse que para mim o fundamento de todo o processo formativo religioso.

Ao assumir essa atitude tenho em mente o que percebo ser a meta formativa proposta em todas as épocas pela Igreja, mas hoje tornada mais problemática devido às circunstâncias culturais e religiosas do mundo real do qual os jovens são filhos. A linguagem com que esse ideal era apresentado era retórico e modulado em chave quase mística. Eis um exemplo que já não é o da linguagem hoje adotada por quem analisa o processo de formação dos que seguem os conselhos evangélicos no sacerdócio<sup>9</sup>.

Nessa linha, encaro a formação para a vida sacerdotal como sendo um fenômeno histórico-cultural em mudança complexa, para o qual concorrem fatores pessoais e coletivos (sócio-culturais, especialmente, mas não só). São possíveis e existem de fato as mais variadas análises do mesmo (cf por exemplo: Cozzens, 2004 ou Benelli, 2006).

A partir de uma leitura historiográfica é possível averiguar que a opção pelo sacerdócio desde sempre impôs aos aspirantes a necessidade de moldar-se tanto à figura do Cristo, quanto aos ditames, em parte variáveis, da

---

<sup>9</sup> Desde os começos da igreja houve homens e mulheres que, pela prática dos conselhos evangélicos, propuseram-se seguir a Cristo com mais liberdade e imitá-lo mais estreitamente, e, cada um ao seu modo, levou uma vida consagrada a Deus. Muitos deles, pela inspiração do Espírito Santo, viveram vida solitária e fundaram famílias religiosas que a igreja recebeu e aprovou de bom grado com sua autoridade. (apud RODRIGUES E CASAS, 1994, p. 456).

instituição católica, cujos interesses e objetivos pontuaram ao longo dos séculos as variações assumidas pela instituição encarregada de formar os presbíteros.

Em suas origens mais remotas, o modo de vida apostólico tem suas raízes na comunidade dos doze e nos estilos de partilha comunitária e distribuição de papéis narrados já pelos Atos dos Apóstolos e primeiros textos dos Padres da Igreja. Há assim uma continuidade histórica e sacramental – uma espécie de prolongamento ritualístico -- do modo de viver de Jesus e seus discípulos, modo esse que permanece como referência ideal ao longo dos séculos. Visando esse ideal, pessoas das mais diversas culturas e épocas, abandonaram o estilo de vida dos leigos (as) e se submeteram a programas de formação rígidos e exigentes, com o objetivo de se identificarem o mais possível com o modo de viver de Cristo.

À época do Concílio de Trento, para por um dique à expansão das concepções protestantes da Igreja, dos sacramentos e do sacerdócio foi criado o chamado seminário (cf Valle, 2003<sup>10</sup>). O modelo, com pequenas variantes, foi conservado por quase quatro séculos, sendo levado também aos continentes e culturas não cristãs, no bojo do processo de expansão do catolicismo pelos continentes não-europeus.

No Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja reconheceu a necessidade de renovar e adaptar os seminários às condições da modernidade, mas fazendo valer, no fundo, uma base teológica vizinha à anterior. A eclesiologia do Vaticano II, porém, era nova e conduziu a renovação dos seminários por caminhos que provavelmente não eram os previstos pelos padres conciliares ao escreverem os dois documentos que se referem mais diretamente ao meu tema (a *“Optatam Totius”*, sobre os seminários, e a *“Praesbiterorum Ordinis”*, sobre o ministério e a vida dos presbíteros). É o que

---

<sup>10</sup> Cf VALLE, Edênio. As ordens religiosas no contexto tridentino. Em: VILHENA, Maria Ângela e PASSOS, João Décio ( Org.). *A Igreja de São Paulo. Presença católica na história da cidade*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 195-220.

se pode claramente ver na seguinte e categórica afirmação da “*Optatam Totius*”, relativamente aos seminários maiores<sup>11</sup>.

Ao mesmo tempo, o Vaticano II, nesses e em outros de seus documentos, em especial na Constituição “*Gaudium et Spes*”, abre espaço para a consideração das implicações trazidas pelo fato de a Igreja estar historicamente inserida no mundo em mudança. Quem se torna presbítero na Igreja participa necessariamente dessa encarnação na realidade. Se, por um lado, se consagra inteiramente à Igreja, por outro não pode renunciar aos seus deveres com relação ao mundo e à história. Ao assumir sua missão de padre na Igreja e no mundo, ele adquire uma espécie de cidadania dupla.

Em uma sociedade e cultura cada vez mais secularizadas, como está se tornando as do Brasil, a vivência nessas duas realidades distintas é como era de se supor freqüentemente conflitante, gerando tensões na identidade do presbítero de hoje.

A questão chave para mim reside, assim, no sujeito que faz a opção pela vida sacerdotal. É um dilema a ser trabalhado já no período formativo. O crescimento na compreensão e assunção do papel adulto na sociedade e na cultura deve ser acompanhado por um esforço paralelo de firmar a identidade religiosa assim como essa decorre do aprimoramento da opção pelo sacerdócio. Os anos de formação seminarística têm a especial função de levar o jovem a assumir a vocação presbiteral enquanto expressão segura de sua própria identidade.

Caso não se verifique esses aprimoramentos, surgirão riscos iminentes e diversificados de negação e de cisão do universo identitário do

---

<sup>11</sup> A educação dos alunos deve tender para o objetivo de formar verdadeiros pastores de almas segundo exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo mestre, sacerdote e pastor. Por isso aqueles sejam preparados: para o ministério da palavra, para que a palavra de Deus revelada seja por eles cada vez melhor entendida, apropriem-se dela pela meditação, e saibam comunicá-la por palavras e com vida; para o ministério do culto e da santificação, para que pregando e celebrando as ações litúrgicas saibam exercitar a obra da salvação por meio do sacrifício eucarístico e dos sacramentos; para os ministérios dos pastores, para que saibam apresentar aos homens Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos, fazendo-se servo de todos (1 Cor 9,19); (OT. 4 ).

candidato. Em outras palavras, se a formação para a vida sacerdotal prescindir da singularidade e da história pessoal de cada indivíduo, assim como de sua condição social e experiências culturais próprias, ela antes prejudicará que ajudará a integração do todo da personalidade, impossibilitando um intercâmbio sadio entre a vivência religiosa e o amadurecimento psicoafetivo.

A essa altura de minhas considerações não estou me referindo a traumas e distúrbios psiquiátricos e psicológicos mais graves; falo, muito mais, do candidatos com perturbações (naturais do processo relacional proposto por Winnicott), que devido à uma não integração do *self*, não tem ainda condições para uma opção radicada em um processo livre e consciente pelo ideal proposto pela Igreja de ontem e de hoje aos seus presbíteros.

Este processo de integração não cessa com a ordenação sacerdotal. Ele, em certo sentido, está sempre *in fieri*. Seu andamento irá depender, ao longo de toda a vida da maior ou menor integração conseguida na formação inicial. O formador como o psicólogo deveria ter presente o que se pode ler em RODRIGUES E CASAS, 1994<sup>12</sup>.

### **3. Aprendendo da história da Igreja**

Ao longo da história, a Igreja escolheu e formou seus membros das mais diversas maneiras, assumindo, para isso, os modelos pedagógicos típicos de cada época, sem, contudo, colocar em risco seu poder decisório e seus objetivos religiosos. Nas primeiras comunidades cristãs os próprios membros escolhiam entre si aqueles que seriam destinados ao serviço sagrado, dando continuidade a um modelo empregado na escolha dos apóstolos (cf Atos, 6,1-6) na seleção de pessoas maduras destinadas às tarefas comunitárias.

A formação para tal não era específica uma vez que qualquer um podia ser escolhido para tal ofício, embora o predomínio dos homens sobre as

---

<sup>12</sup> A formação religiosa promove o desenvolvimento da vida de consagração ao Senhor desde as primeiras etapas em que uma pessoa começa a interessar-se seriamente por ela, até sua consumação final, quando o religioso encontra o Senhor na morte. O religioso vive uma forma peculiar de vida; e a vida mesma está em processo permanente de desenvolvimento. Não se mantém estável (Apud RODRIGUES E CASAS, 1994, p. 457).

mulheres já se fizesse notar, segundo costumes herdados do judaísmo. Devemos nos lembrar, contudo, que esse modelo vigorou em tempos marcados por perseguições políticas e religiosas. O simples fato de assumir a confissão cristã demandava grande maturidade e consciência, dado o fato de que tal escolha redundava em sanções concretas e em risco eminente de perseguição e morte.

Com a legitimidade conferida ao Cristianismo pelo Edito de Milão, promulgado pelo imperador romano Constantino (313 d.C.), a Igreja se consolidou como instituição que emergiu do Império em crise, passando a ocupar lugar de destaque na gênese da primeira constituição da Europa. O novo status da Igreja relacionou o sacerdócio hierárquico ao novo esquema de poder político. O status dos sacerdotes passou a gozar de destaque nos círculos sociais. Tornar-se padre tornou-se aos poucos uma questão de ordem mais temporal do que espiritual.

Embora esses antecedentes que atravessam todo o primeiro milênio do Cristianismo sejam importantes a institucionalização da formação dos presbíteros, toma corpo é com o início da modernidade, em virtude da Reforma Protestante que abalou seriamente os alicerces do Catolicismo medieval, exigindo da Igreja Católica mudanças drásticas e novos métodos e posturas pastorais. A contra-reforma escolheu a formação dos padres como um dos ícones essenciais do movimento de retomada de espaço.

O seminário adquiriu o status de menina dos olhos dos Bispos do pós-tridentino. O nome “seminarium” ficou reservado para os centros de formação dos [presbíteros](#). O [Concílio de Trento](#), realizado no início do [século XVI](#), prescreveu a obrigatoriedade de uma formação humana, intelectual, espiritual e pastoral mais sólida para todos os candidatos ao sacerdócio. Medidas institucionais e disciplinares foram tomadas nesse sentido. A lei do celibato passou a ser cobrada com maior rigor em toda a Europa católica, quase que contrapondo o padre católico (celibatário) ao pastor evangélico (casado). Em países como os das Províncias portuguesas ultramarinas, entre elas o Brasil, a observância dessa lei era mais frouxa em especial entre os diocesanos. Nem todas as [dioceses](#) urgiram a concretização do prescrito pelo Tridentino. O



laxismo predominava na maioria delas. As ordenações se faziam sem adequada preparação dos candidatos. Escreve a esse respeito (VALLE 2005, p. 214), dizendo a respeito do clero regular, algo que era ainda mais grave entre os diocesanos<sup>13</sup>.

No referente às casas de formação para o clero diocesano vale também a observação de (BENCOSTA 2000, p. 2)<sup>14</sup>

A penúria de clero e de formação bem como a situação calamitosa descrita por Dom Viçoso, só tiveram certo cobro com a chegada dos religiosos restauradores que passaram a chegar aos milhares, principalmente no declínio do II Império e nos primeiros decênios da República (depois de 1889).

Os primeiros 50 anos do século XX foram palco de um *boom* de seminários com o conseqüente aumento do clero “nativo”, cuja formação foi entregue a congregações religiosas vindas de fora, principalmente os lazaristas. O crescimento quantitativo e qualitativo dos seminários deu-se com notável força no pontificado de Pio XII (1939-1958). Na fase imediatamente posterior ao Vaticano II, houve uma quebra acentuada desse ritmo. Ao invés, verificou-se uma onda alarmante de fechamentos aliada a uma sensível estagnação de novas fundações. Só nos anos 90 essa curva de descenso se inverteu.

Hoje, podemos dizer que quase todas as dioceses têm o seu Seminário, quer ele seja um edifício, quer seja apenas um conjunto de

---

<sup>13</sup> Quanto à formação dos religiosos, provavelmente todos (os bispos) subscreveriam a afirmação de Dom Antônio Viçoso, bispo de Mariana, ele mesmo lazarista, sobre a dificuldade em se reformar a vida religiosa de então: (...) quanto aos regulares quase lhes perco a esperança (...) que faz o prior (dos carmelitas)? Anda pelas fazendas, governando os escravos. E o guardião dos franciscanos? Nada, ou ganhando dinheiro para se secularizar. Isto não é ordem religiosa, nem é nada' (Apud VALLE, 2005, p. 217).

<sup>14</sup> “No Brasil, até meados do século XIX, não existiam seminários tridentinos para a formação do clero. Somente com a ação dos bispos ultramontanos, Dom Romualdo Seixas, prelado da diocese de Salvador, d. Antônio Ferreira Viçoso, da diocese de Mariana e Dom Antônio Joaquim de Melo, da diocese de São Paulo, todos eles, especialmente os dois últimos, perceberam que era quase impossível reformar o clero sem criar seminários tridentinos. Para eles, os seminários fechados, onde os internos entravam antes da puberdade, para não conhecer a maldade do mundo, sendo isolados do convívio social, era um procedimento eficaz na formação de um clero moralizado, ilustrado e ultramontano. É esse clero que irá predominar, sobretudo a partir da República, quando os representantes de um clero tradicional já eram quase inexistentes.

peças. Há diversos tipos de seminários: os seminários menores são atualmente poucos. Destinam-se a receber alunos mais novos, que não estão ainda em idade para cursar o [ensino superior](#). Os seminários maiores incluem os alunos que estão já na etapa dos estudos filosóficos ou já frequentam o quadriênio da [Teologia](#).

Alem destes, de forma um pouco diferente existem os propedêuticos, que recebem potenciais seminaristas carentes de um aprimoramento intelectual ou religioso. Há dois modelos de base: um visa um maior distanciamento da vida secular e do mundo com o intuito de formar de modo mais marcante personalidade e as capacidades do homem de igreja. Outros, ao contrário, são mais abertos, facilitando o contato dos jovens seminaristas com a vida normal de jovens da mesma idade, embora se preocupando em dar-lhes uma formação com exigências de cunho religioso e eclesiástico.

A época dos seminários gigantes parece ter sido deixada para trás. Em geral se favorecem as comunidades menores, nas quais os relacionamentos interpessoais e o clima de responsabilidade possam ser melhor cultivados. Há também, quase sempre, um clima de maior liberdade. No entanto, uma pesquisa recente (cf BENELLI, 2006) traça um retrato bastante fechado de três seminários maiores do Estado de São Paulo<sup>15</sup>.

A citação acima mostrou que o cenário da formação mudou substancialmente a partir do Concílio Vaticano II. Do ponto de vista pedagógico o modelo tridentino, de índole isolacionista teve fim, com o modelo do Vaticano II, interessado em escutar os sinais dos tempos, através de um diálogo mais aberto com a modernidade. Na fase inspirada na cultura Tridentina, o regulamento no seminário seguia a antiga lei mosaica: a voz de Deus e a expressão de sua vontade. O seminarista neste contexto dificilmente conseguia fugir do controle dos superiores, sendo tolhidos na expressão de seus

---

<sup>15</sup> O seminário é uma instituição totalitária na qual o tempo de permanência do seminarista que ali ingressa voluntariamente já está determinado de antemão. Quando o seminarista, depois de passar pelos longos e árduos anos de formação em regime de internato, alcança a ordenação sacerdotal, ele deixa o estabelecimento e geralmente vai assumir uma paróquia na sua Diocese de origem (BENELLI, 2005, p. 167).

sentimentos, no contato com o mundo externo, incluída a família e proibidos de desenvolver seus interesses intelectuais fora dos limites restritos da Escolástica e da leitura dos manuais de Teologia. Acrescia um severo distanciamento de tudo o que se referia ao mundo e do feminino<sup>16</sup>.

João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Pastores Dabo Vobis”, diz de uma busca de equilíbrio, no ambiente formativo católico. Defendendo a fisionomia essencial do sacerdote que não muda, ele vê o padre de amanhã, não menos que o de ontem, como alguém que busca assemelhar-se a Jesus Cristo. Ele descreve o presbítero do terceiro milênio como um continuador dos padres que, nos precedentes milênios, animaram a vida da Igreja. Mas afirma como igualmente indispensável que a formação sacerdotal seja adaptada à nossa época e a cada ambiente de vida em que o presbítero exerce seu ministério.

Embora o Vaticano II tenha inaugurado uma nova perspectiva formativa, cujo impacto, num primeiro momento, levou muitos sacerdotes e religiosos, acostumados à reclusão protecionista dos seminários e conventos, a abandonarem a vida religiosa, a situação da formação não acompanhou o mesmo ritmo e matiz emancipadora dos textos conciliares acerca do tema. Há, todavia, uma grande distância entre as disposições do magistério e a prática concreta, isto é, entre o que dispõe os documentos eclesiais acerca da formação para a vida sacerdotal e religiosa e as práticas constatadas no dia-a-dia, no cotidiano.

#### **4. Da história a prática.**

Entendemos que a Igreja do Brasil vem se desenvolvendo, buscando acolher e formar os seus candidatos, estes segundo a tradição constante da Igreja, só o batizado de sexo masculino recebe validamente a

---

<sup>16</sup> A idéia de seminários diocesanos vinha ao encontro dos objetivos de um catolicismo reformador, que entendia ser essa instituição não apenas uma casa de educação, na qual se formariam os padres, como também uma poderosa barreira para conter o materialismo, visto pela Igreja como um mal que pretendia destruir, ao mesmo tempo, família e sociedade. Para salvar a sociedade, a Igreja acreditava nos seminários como instrumentos adequados à regeneração do homem pelo estabelecimento da doutrina evangélica católica, no seio do povo, por meio dos novos apóstolos de Cristo (BENCOSTTA, 2000, p. 4).

sagrada Ordenação. Por meio do sacramento da Ordem, o Espírito Santo configura o candidato a Jesus Cristo, por um título novo e específico. O sacerdote, com efeito, representa sacramentalmente Cristo, Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja. Por causa desta configuração a Cristo, toda a vida do ministro sagrado deve ser animada pelo dom de toda a sua pessoa à Igreja e por uma autêntica caridade pastoral.

Por isso, o candidato ao ministério ordenado deve atingir a maturidade afetiva. Tal maturidade torná-lo-á capaz de estabelecer uma correta relação com homens e com mulheres, desenvolvendo nele um verdadeiro sentido da paternidade espiritual em relação à comunidade eclesial que lhe será confiada numa perspectiva pedagógica mais educativa, onde pode se pensar tendo voz e vez, em algumas casas (seminários), participando de equipes que discutem o futuro formativo, deste modo, cooperando com uma formação que permite tomar a vida nas próprias mãos.

Eu mesmo sou testemunha participativa, do quanto a Igreja do Brasil vem buscando aperfeiçoar-se no quesito “Formação Humana de seus Seminaristas”, através de institutos competentes da CNBB, como a OSIB<sup>17</sup>, que há décadas vem pensando a vida formativa para a formação sacerdotal e religiosa no Brasil. Hoje dentre outros, promove encontros para psicólogos e formadores para refletirem sobre este universo comum de ação.

Estes encontros são assessorados por religiosos e leigos de reconhecido conhecimento do assunto, sendo óbvia a demonstração de busca de parceria extramuros, para substancializar a busca de um modelo formativo cada vez mais maduro.

Entretanto percebemos que os passos ainda são modestos da igreja do Brasil, contudo, importantíssimo é prestigiá-lo, pois dioceses, bispos, congregações, padres, religiosas; insisto, em parceria com profissionais leigos (as), vem se esforçando muito para colocar em prática essa formação madura de seus candidatos.

---

<sup>17</sup> Órgão da CNBB: Organização dos Seminários e Institutos do Brasil

Institutos clínicos e escolas de formação, para formadores, são também exemplos ótimos do desenvolvimento do pensar a formação.

Justamente, por estar sendo criadas possibilidades de cooperação para a formação sacerdotal e religiosa que profissionais como W.C.C. PEREIRA (PUC-MG), E.VALLE (PUC-SP - ITA), E. MASSIH (PUC-SP -ITESP - ITA), E. B. PINTO (PUC-ITA-SBPG), M.F.MORAIS (ITA), vem em bom ritmo produzindo teorias, temas e técnicas para melhor capacitar formadores(as) e psicólogos (as) para o trabalho de formar futuros sacerdotes, objetos dessa pesquisa.

Estudos, que buscaram compreender a formação sacerdotal e religiosa a partir das instituições formativas, estudos organizacionais, são válidos, entretanto, não é o foco deste trabalho.

Poderemos sim, ao logo da descrição, nos deparar com análises que darão margem a instituição formativa, como sendo patológica ou não, como fábrica de loucos, contudo insistimos que a análise é clínica e individual de candidatos a formação sacerdotal e religiosa.

Atualmente, no grupo que existe no ITA (Instituto Terapêutico Acolher), questionamos, o quanto, seminários e casas de formação, podem, por seus critérios normativos (necessários a nosso ver), criar uma atmosfera fictícia para o formando, como se um mundo paralelo, para ser mais preciso – Protegido.

Pois é fato, que nossos seminários não são mais como há décadas, grandes casas, com números de candidatos que fácil superavam os 100 (cem), onde a personalidade não era reconhecida, por razões práticas, poucos formadores para números expressivos de seminaristas.

Hoje o número de vocações é menor, daí vantagens e desvantagens, pois se por um lado o contingente de seminaristas é menor, por outro, melhor pode ser o olhar a eles dirigidos, no que se refere à qualidade formativa.

Formandos que podem ser percebidos não como número é a palavra de ordem, que têm um ambiente formativo satisfatoriamente bom para crescerem, entendemos, todavia, que não é missão exclusiva dos seminários, e nem por isso o faz menos nobre, ser um centro de formação psicológica.

Pensamos, sim, ser mais que isso, onde a missão do Cristo, a Espiritualidade do fundador, a pedagogia da diocese (equipe de formação), critérios pastorais, formam o seminarista para atitudes geradoras de comunhão: - o diálogo, como capacidade de ouvir e responder; fortaleza de ânimo, segurança e autoconfiança, a renunciar generosamente mesmo aquilo que sendo lícito, não é conveniente.

### **5. Psicologia da vida religiosa – Um pensar rico.**

A psicologia quer ser ferramenta, tecnologia a disposição, não ciência maior e fundante para a formação sacerdotal e religiosa, quer sim aprender da Teologia, da Filosofia da formação sacerdotal e religiosa, em resumo, quer conhecer muito bem seu sujeito de estudo (formação sacerdotal) para estar, se solicitado, por ela e com ela, e não sobre ou sob ela.

Fundamental, também a menção, de que algumas casas de formação vêm sofrendo uma hiper psicologização da formação, respaldadas por profissionais, que desatentos, ignoram a missão real da formação sacerdotal e religiosa, sendo assim, das cinco dimensões propostas para ser desenvolvida ao longo do processo formativo, Dimensão Pastoral, Espiritual, Comunitária, Intelectual, é a Humano Afetivo a mais privilegiada. Com o grande risco de formar seminaristas com uma boa consciência de si, contudo com pouquíssima noção da sua missão Pastoral, razão daí sim maior, para os diocesanos.

Assim sendo, riquíssima é a psicologia para a formação sacerdotal quando tem consciência de seus limites e alcance técnico.

Todavia, também encontramos dioceses, seminários e padres, fóbicos frente à psicologia, temendo, muitas vezes pelo desconhecimento, o quanto a psicologia pode lhe ser útil. Parece que entendem o subjetivo,

elemento fundante de uma análise psíquica profunda, como algo do “não controle”, logo “não permitido”.

Por vezes, formadores que tem um auto-conceito deficiente, podem também ser muito resistentes a este serviço.

Seminaristas, também bloqueiam este tipo de intervenção, pois, em certos casos o controle e desejo de manutenção de um ambiente neurótico é tamanho, por parte dos formandos, que subjetivamente, quando vezes objetivamente, vetam e/ou minam processos de atendimento clínico psicológicos.

Entretanto, percebo que vem se apresentando de forma expressiva, sofrimentos psíquicos, relatados por seminaristas, no que se refere, a não conseguir integrar o que viveu até antes de entrar no seminário, com sua vida atual.

Seria uma problemática da contemporaneidade, onde as pessoas tendem a desprender-se de antigos laços, num processo de desfiliação fazendo que pertenças, sociais e culturais, tornem-se opcionais, e vezes somente experimentais, como que destituídos de afetos?

Em discussões no ITA, ouço de formadores que alguns seminaristas renegam seu passado devido a significativas carências sociais, econômicas e culturais, num processo anômico<sup>18</sup>, dissociando passado do presente, todavia, a análise desta dissertação quer observar como esta dita anomia pode ser demonstrada na capacidade de simbolizar de candidatos a formação sacerdotal e religiosa.

Diante de tais questões não podemos ignorar a necessidade de lançarmos o olhar para a formação sacerdotal.

---

<sup>18</sup> A anomia é um vocábulo com dupla significação: violação, ou ilegalidade, e ausência de lei preestabelecida. Na sociologia, é um fenômeno que indica carência de normas, de leis reguladoras, e que se estabelece durante determinadas circunstâncias históricas dentro de um grupo social. A anomia pode ser entendida como o resultado da ruptura entre os objetivos individuais culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançar essas metas, produzindo, como conseqüência, a decadência e a desorganização da estrutura institucional dentro de um sistema social (MEIRELES, 2001, p. 70).

A formação, nesse sentido, ocupa um papel determinante que pode tanto conduzir a pessoa ao amadurecimento psíquico e vocacional, quanto atuar como rota de fuga e de dissolução da própria história e intimidade da mesma<sup>19</sup>.

Durante o processo formativo o sujeito desenvolve a si mesmo, revisa e se confronta com as motivações, internas e externas, que o levaram a optar pela vida sacerdotal ou religiosa, ao mesmo tempo em que atravessa uma etapa de adaptação e de transformação à nova realidade que se lhe apresenta. Novas disposições, físicas e simbólicas. Convívio com desconhecidos. Regulamentos, horários, expectativas, esse movimento pode ocorrer de modo saudável, mas também pode se dar como fuga e incentivo à negação do próprio contexto cultural e histórico.

## **6. A Formação para a vida sacerdotal.**

A formação para a vida sacerdotal está, normalmente, sob a responsabilidade direta de uma única pessoa que, embora possam contar com equipes de apoio, como conselheiros, têm sobre a si a carga de formar os candidatos de forma a prepará-los, conduzi-los e, até mesmo, alertá-los acerca da própria incompatibilidade de suas motivações e disposições pessoais em relação ao modelo de vida ao qual almejam ou do qual se valem como rota de fuga ou por motivos incompatíveis com o sacerdócio. Estamos falando do formador, às vezes chamado de reitor segundo a nomenclatura usual.

Assim como as pessoas, as palavras envelhecem. Algumas caem em desuso. Tornam-se pálidas, inadequadas ao presente, representações de ranços e experiências que desejamos esquecer ou simplesmente ocultar. O próprio termo “reitor” está muito relacionado a uma situação formativa extremamente diferente da atual.

---

<sup>19</sup> O candidato à vida religiosa é sedento do sagrado. Para ele, é isso que dá sentido às coisas, partir do profano e transformá-lo em algo sagrado sem, evidentemente, negar o primeiro. O latente faz pulsar o sagrado, aquilo que revela a realidade no sentido mais forte do termo: a realidade absoluta, perante a qual o mundo profano, ou das aparências, dissolve-se como falsa realidade. O sujeito humano, pois, vive inserido no profano e transforma-o[...] (PEREIRA, 2004, p. 110).



Nesse ambiente formativo imperava o anonimato, a dissolução do indivíduo no coletivo. E ao reitor caberia o papel de um pastor de um imenso rebanho, cujas ovelhas costumavam não ter rostos. A cultura formativa mudou. Embora as enormes construções perdurem hoje o número de seminaristas é bem menor, como já melhor explicado anteriormente.

A formação ganhou proximidade e novos desafios. Todavia, a fundamental função do formador se mantém intacta e a dificuldade para formá-lo e escolhê-lo adequadamente também. Os passos nesse sentido ainda são incipientes, pois a grande maioria dos formadores não são educados e preparados.

### **6.1 O perfil do Formador.**

Pesquisa realizada por (PEREIRA, 2004) revela alguns dados relevantes acerca do perfil do formador para a vida sacerdotal ou religiosa no Brasil. Entre outras características relevantes a pesquisa demonstrou que a maioria é oriunda de cidades do interior na quais prevalece a educação religiosa, e de famílias de baixa escolaridade e renda. A preponderância dessa origem é confirmada, segundo o mesmo autor, pela história de vida, narradas pelos formadores na pesquisa. Metade dos entrevistados relatou dificuldades financeiras como a característica marcante de sua infância e adolescência. Na verdade, a criticidade desse período é, segundo os entrevistados, de natureza econômica<sup>20</sup>.

Os dados relativos à origem e as predisposições do formador são essenciais porque todo o processo formativo é marcado pela presença deste. Ele conduz os seminaristas orientando-os de acordo com as disposições do magistério e as particularidades da comunidade à qual está vinculado, e de sua

---

<sup>20</sup> O grande destaque entre os sentimentos suscitados em formadores e formadoras tanto relativo à infância como à adolescência foi a questão “financeira”, considerada problemática e geradora de privações e dependência. Podemos afirmar que, pela semelhança da origem dos grupos de formadores e formandos, esse destaque era de se esperar em ambos. No entanto, parece que os formadores, pela própria maturidade, expressam-se com maior franqueza. A situação econômica de carência é a ponta de um iceberg que oculta diversas outras características que o jovem nem sempre se sente à vontade para expor: questões relativas à qualidade afetiva, capital cultural que cada indivíduo carrega e possibilidades que a vida oferece (PEREIRA, 2004, p. 81).

origem (família). O formador, nesse sentido, é imprescindível. Caso seja uma pessoa incapaz de dialogar, um simples executor e feitor de regras, insensível à história e singularidade daqueles que acompanha, poderá ser o catalisador de um processo de degradação da identidade tanto dos formandos quanto a sua própria.

Desse modo, alguns formadores podem carecer de um autoconhecimento profundo de acordo com (MARMILICZ 2003): A inconsciência, por parte do formador, de seus limites, de seus desejos autênticos ou a inconsistência de sua própria opção pela vida sacerdotal costuma comprometer todo o processo formativo.

Pois quando esses possíveis formadores desconhecem a si próprio, tornam-se suscetíveis à influência daqueles aos quais guia.

Não se trata, todavia, da defesa de uma postura de impermeabilidade ou de indiferença ao meio e as pessoas com as quais se convive. Certamente, o formador aprenderá com seus formandos, crescerá juntamente com eles mediante o compartilhamento de experiências e o contato com a singularidade e a riqueza cultural da qual cada sujeito é portador.

Refiro-me ao desequilíbrio interno caracterizado pela fragilidade da personalidade por parte do formador. Inseguro e inconstante, ele pautará sua relação com os formandos nos receios e na instabilidade das quais é refém, podendo se transformar num tirano ou numa figura apática e influenciável<sup>21</sup>.

O formador é um ser humano em construção. A consciência acerca dessa premissa é essencial para que o mesmo encontre sentido e cumpra adequadamente o papel ao qual foi designado. Para que o seu ministério seja credível e aceitável, é necessário que ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros. Que seja capaz de conhecer em profundidade a alma humana com seus problemas e dificuldades, e ser um facilitador através do diálogo,

---

<sup>21</sup> É importante que o formador tenha confiança naquilo que faz, e confiança em si mesmo. Sem dúvida, a insegurança é um dos maiores defeitos, e isto poderá influenciar negativamente o formando. Como acreditar nas suas potencialidades, quando vê que aquele que o acompanha é um homem de desconfiança a seu respeito? Ao invés, o tom de voz tranqüilo do formador quando fala, a firmeza da sua voz, são uma ajuda que tranqüiliza e transmite confiança e paz (MARMILICZ, 2003, p. 191)

Portanto, o grande objetivo que perpassa toda a atividade formativa é fazer vir à tona o sujeito, o vocacionado, o religioso, o sacerdote. Mas esse processo é conflitante, como propiciar o alvorecer do sujeito e, ao mesmo tempo, formá-lo para uma função específica? Como o sujeito é formado? Qual o papel do formador? Qual o verdadeiro problema? Embora as respostas para essas perguntas sejam variadas, uma constatação é urgente: é preciso acabar com as oposições que colocam sujeito e sociedade ou sujeito e instituições como pólos antagônicos, fato que evidencia ainda mais a importância do formador<sup>22</sup>.

Muitos formadores, no entanto, não se consideram parte do processo formativo. A posição de liderança cria a ilusão de que se situam acima das vicissitudes da formação, de que são seres acabados e nada têm a aprender.

Por esse motivo, o formador autêntico é aquele que se forma continuamente e que se assume como ser incompleto em eterno aperfeiçoamento. A figura do formador auto-suficiente, alheio à dinâmica do ambiente no qual está inserido, como se para gerenciar o mesmo fosse necessário situar-se acima dele, distanciar das pessoas como o pesquisador de um objeto, está em completa desarticulação tanto com os referenciais que a moderna psicologia fornece ao processo formativo, quanto do próprio magistério eclesiástico, segundo o qual a formador é, acima de tudo, um exemplo<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Concebemos a sociedade contemporânea como um tecido formado por uma rede de instituições sociais: a religião com suas organizações é uma delas. Como estamos discutindo, os supostos conflitos entre sujeito e sociedade, indivíduo e grupo, psique e ambiente são falsas dicotomias. Trata-se de falsos problemas: só há real social, coletivo, e indivíduo e é apenas um terminal de produção social. Os sujeitos são produzidos socialmente, no bojo de processos e práticas concretos, de práticas discursivas, na intersecção entre poderes e saberes (BENELLI, 2005, p. 71).

<sup>23</sup> A maturidade afetiva supõe a capacidade de resolver com facilidade os problemas pessoais de natureza afetiva, a maturidade psico-afetiva faz parte do processo mas longo da maturidade humana, e o formador maduro deverá ajudar o formando a integrar tudo isto, para assumir com alegria, com clareza, com dom total o celibato. Nesta campo é muito importante perceber que o formador está contente com a escolha feita, que transmita através da sua vida, do seu modo de ser, de testemunhar, do fazer de Jesus, de levar sempre adiante o próprio projeto de vida (MARMILICZ, 2003, p. 192)

À missão do formador corresponde a um importante conceito psicológico formulado por Winnicott. Trata-se de conceito de *holding* pertinente à unidade entre ambiente e cuidado na maternidade, cuja aplicação também é válida no caso da formação para a vida sacerdotal e religiosa. O *holding* leva em consideração a fragilidade daquele ao qual se dispensa o cuidado, evidenciando, dessa forma, a integração entre aquele que cuida e o cuidado em si mesmo. Há uma unidade. Cuidado e cuidador são indissociáveis para Winnicott e manifestados no paradigma da relação entre a mãe e o recém-nascido<sup>24</sup>.

## **6.2 O Formador – Continente.**

Os conceitos de *holding* e de *handling* em Winnicott são analogicamente aplicáveis à função que o formador tem a exercer, uma vez que o ingresso na vida formativa, analogamente, pode, assemelhar-se a um autêntico nascimento, à entrada do jovem em um mundo novo e ainda não real para ele, no qual será necessário crescer e ao qual deverá se adaptar sem perder-se, dando vazão à potencialidade de ser que a vocação lhe propõe e que ele carrega em si. Aos formadores não cabe o papel da mãe propriamente dito. Entretanto, é necessária a dinâmica expressa pelo conceito de *holding* que implica a criação de um contexto ambiental acolhedor, na relação cuidador-cuidado.

Requisito fundamental para que tal processo se desenvolva é a comunicação entre aquele que cuida e quem é cuidado, numa relação de empatia, descrita como capacidade de identificação com o outro, de senti-lo, compreendê-lo, valorizá-lo. Outro elemento básico é o cuidado em si mesmo,

---

<sup>24</sup> É que, dada a fragilidade e imaturidade do bebê, ele necessita fundamentalmente de alguém que cuide dele, para sobreviver e “nascer psicologicamente”, como diria (MARGARETH MAHLER, 1977). Embora exista em cada criança ao nascer, um potencial herdado que a predisponha a “ser”, que a impulsione numa “linha de continuidade de ser”, obrigatória se faz a presença de alguém, humano, capaz de captar e suprir suas necessidades (CAMPOS, 2005, p. 55).

isto é, a disposição é o desejo de cuidar, no caso dos formadores, a vontade clara e inequívoca de formar, sem a qual não há formação possível.

O *holding* tem como princípio o amor, entendido como disponibilidade a abertura ao outro com suas carências e com suas potencialidades. Cuidar e formar nesse sentido significa criar condições para tornar real uma predisposição que já está ali. O gesto amoroso de abertura do formador não é somente uma condição exigida pela ética cristã; é um gesto de coerência em consonância o que a esfera psíquica pressupõe e exige, levando à complementação entre uma e outra dimensão. É este o ambiente capaz de gerar a confiabilidade que Winnicott, dentre todos os primeiros cuidados que a mãe presta ao bebê, considera o mais importante. É como escreve Salém, explicitando o nexos entre o “crer em” e a capacidade de confiar, na linha do que o próprio Winnicott entende por *holding*<sup>25</sup>:

Para Winnicott o “estado de preocupação materna primária” implica em uma regressão parcial por parte da mãe, a fim de identificar-se com o bebê e, assim, saber do que ele precisa, mas, ao mesmo tempo, ela mantém o seu lugar de adulta. É, ainda, um estado temporário, pois o bebê naturalmente passará da “dependência absoluta” para a “dependência relativa”. Temos aqui algo essencial para o amadurecimento vocacional do seminarista, algo que na psicoterapia pode ser percebido com bastante nitidez.

Voltemos ao formador. Não lhe cabe a função de psicoterapeuta, mas ele exerce uma função de cuidado que se aproxima da exercida por pelo que acompanha o amadurecimento desde a perspectiva do *holding*, pois é tarefa sua conduzir o formando uma mudança capaz de integrar a pessoa dele às possibilidades que o horizonte vocacional comporta. É uma integração e consolidação da potência de ser que o formando já traz consigo como fundamento da nova identidade que se propões como presbítero. Reunindo as

---

<sup>25</sup> “ e a confiabilidade do ambiente se manifesta nesse primeiro momento, exatamente na porção contínua do mundo que é fornecida ao bebê, ou seja, ela se manifesta na presença de “cuidados” contíguos e seguros” que protegem o bebê da interferência imprevista e excessiva do meio” ( SALÉM, 2007:172 )

experiências e vivências, positivas ou negativas, de cada formando, o formador o ajuda a alcançar a integração e coesão psíquicas necessárias ao seu, digamos assim, self sacerdotal. Enquanto um todo bem fundamentado e estruturado. É esse processo que irá possibilitar o progressivo amadurecimento psico-espiritual do “self verdadeiro”, mesmo se permanecerem relíquias do “falso self”, como se dirá mais adiante.

Este modo de ver o desenvolvimento humano mostra que ao formador não cabe a tarefa de produzir cópias de si próprio como em um processo mimético, mas de ajudar no movimento de descoberta e de simbolização personalizada. Como presença cuidadosa, o formador propicia o desenvolvimento constante dos formandos através do aumento da capacidade de percepção dos mesmos e da gestação da certeza de que o projeto de vida é de responsabilidade do sujeito que faz a opção. Trata-se de conduzir o self do formando para a diferenciação. O que não significa eliminação da dependência, uma vez que todos nós somos carentes de cuidado e de cuidar.

O conceito de *holding* ajuda a compreender que a formação para a vida sacerdotal pede uma relação de reciprocidade entre formador e formando. Somente com trocas afetivas conscientes e direcionadas para a autonomia e baseadas em comunicação empática, o formador pode favorecer a preparação dos candidatos à vida sacerdotal num movimento no qual formando e formador se encaminham para a madurez. O conceito de *holding* é sumamente relevante nos momentos de fragilidade relacional, comuns especialmente no início do processo formativo, devido ao choque cultural que a entrada no ambiente seminarístico pode provocar, pondo à mostra as inconsistências em primeiro lugar do novo seminaristas, em segundo, eventualmente, do formador e, em terceiro, do ambiente grupal reinante na casa de formação.. Com a última observação, quero deixar claro que o conceito de *holding* envolve o ambiente. O meio é essencial para o processo de formação, sobretudo quando o objetivo pedagógico é o de criar condições para o estabelecimento de relações grupais positivas e autênticas. Pode-se tranquilamente afirmar que na formação seminarística é indispensável um clima de relacionamento verdadeiro, de

reciprocidade e aceitação entre todos os implicados no processo de tornar o seminário um lugar de superação e de crescimento.

Não se pense que tal ambiente seja isento de tensões e conflitos. O que ele propicia é um melhor manejo de problemas como esses, inevitáveis em qualquer grupo humano. No caso dos seminários as tarefas que cabem aos formadores e aos psicólogos são diferentes, mas complementares. O formador, nessa perspectiva, deve abandonar a condição de mero administrador ou zelador de pessoas. Ele é a figura chave que permitirá ao formando “formar-se”, num clima de co-responsabilidade e de cuidado recíproco.

Aliás, é isto, parece-me que neste ponto há uma coincidência entre o que pede, de um lado, a Igreja em seus documentos sobre a formação sacerdotal e, de outro, a Psicologia da Religião e, nela, uma visão do amadurecimento como a de Winnicott. Isso é muito positivo, pois converge para a superação de certos preconceitos que ainda vigoram no meio religioso em relação a posturas e compreensões científicas acerca do fenômeno por julgá-las incompatíveis com os ditames da fé. Entretanto, tal resistência vem diminuindo ao longo das últimas décadas. A prática vem demonstrando que a psicologia pode ser uma grande aliada na formação sacerdotal e religiosa.

### **6.3. O Formador: Reconhecendo-o**

Construir uma definição da categoria juventude ou de Adultos - Jovens não é fácil, principalmente porque os critérios que os constituem são históricos e culturais, gerando diversidade.

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Para efeitos desta análise, assumi a definição de (CHARLOT 2000, p. 33 e 51), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que

possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos.

Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

(CHARLOT 2000) lembra ainda que a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais. Trata-se da outra face da condição humana a ser desenvolvida: a sua natureza social. Dizer que a essência humana é antes de tudo social é o mesmo que afirmar que o homem se constitui na relação com o outro.

O que dizer do jovem hoje com suas dificuldades de se tornar adulto? Ele se encontra ante uma tarefa hercúlea; ao mesmo tempo em que precisa definir a diferença única e estável entre sua própria pessoa e o mundo social; ele encontra na sociedade na cultura uma realidade anômica que torna ambígua e difícil a constituição da identidade adulta do jovem enquanto pessoa. A passagem à adultez psicológica se torna, assim, cada vez mais complexa. A entrada no seminário, mesmo quando este sabe educar, não poupa ao seminarista de hoje as dificuldades desta passagem.

Construir uma identidade social autônoma supõe o cumprimento de duas tarefas simultâneas: a construção de uma individualidade capaz de diferenciar-se suficientemente de seus pares e, por outro lado, a capacidade de fortalecer os laços sociais com os outros com o mundo real adulto o que implica, seja uma certa conformidade aos valores e padrões sociais considerados básicos para a definição de quem tem condições para pertencer àquela comunidade, seja uma capacidade de crítica que permita a originalidade e criatividade do sujeito.



Na verdade, instituições como família, religião e o próprio Estado, que, outrora forneciam as bases mínimas de sustentação para a construção social da identidade, encontram-se, na atualidade, crescentemente desprovidas de qualquer legitimidade social, tornando-se, deste modo, frágeis bases de apoio para dar conta desta tarefa vital para os jovens: a construção de sua própria individualidade.

Na busca por identificação, alguns jovens procuram um tipo especial de grupo (de consagrados, Por exemplo), e passam a compartilhar as finanças e o cotidiano com outros, dividindo o mesmo teto e as despesas domésticas: formam a chamada "comunidade de vida".

Os demais, que continuam a morar com seus familiares e a manter sua autonomia econômica, constituem a "comunidade de aliança". Alguns entrevistados afirmaram que ambas as comunidades são parte de um todo e não há hierarquia espiritual que defina a superioridade da opção de participar da "comunidade de vida"; contudo, os membros "de aliança" revelam admiração especial pelos que optaram pela vida consagrada. A manutenção daqueles que estão na "comunidade de vida" depende em geral dos membros da comunidade de aliança: são eles que os apóiam materialmente.

Ao seminário, interessa o jovem descrito acima (formandos), comprometido com sua escolha vocacional, na linha da liberdade, pois este item é essencial à vocação para o sacerdócio. Uma liberdade que na resposta positiva se qualifica como adesão pessoal profunda, como doação de amor, ou melhor, de entrega ao Doador que é o Deus que chama como oblação. "O chamamento - dizia Paulo VI - avalia-se pela resposta. Não podem existir vocações verdadeiras que não sejam livres e que não expressem a oferta espontânea consciente e generosa de si mesmo.

Na sua tarefa educativa, a Igreja interessa-se, com atenção privilegiada, por suscitar nas crianças, nos adolescentes, nos jovens e nos adultos, o desejo e a decisão de um seguimento integral e comprometido com Jesus Cristo. O trabalho educacional, mesmo que diga respeito a toda a

comunidade cristã enquanto tal deve orientar-se para a pessoa singular: Deus, de fato, com o seu chamamento, atinge o coração de cada homem, e o Espírito, que mora no íntimo de cada discípulo (cf. 1 Jo 3, 24), dá-se a cada cristão com carismas diversos e particulares manifestações.

Cada formando, portanto, deve ser ajudado a acolher o dom que, precisamente a ele como pessoa irrepetível e única, é confiado, e a escutar as palavras que o Espírito de Deus lhe dirige singularmente.

Entendo o seminário, de onde vem os sujeitos desta pesquisa, como uma comunidade educativa, formativa e orante.

Os jovens que lá vivem, tem um cotidiano bastante intenso, representado pelo desenvolvimento das dimensões formativas.

Percebo que o zelo pela atividade pastoral, que visa crescimento na assimilação pessoal das atitudes do Cristo Bom Pastor e no seguimento de sua missão, bem como o crescer no compromisso pessoal no serviço do povo de Deus e na caridade pastoral, e mais abrir-se mais à comunhão com a vida do povo, com a comunidade cristã e com o presbitério.

O trabalho pastoral dos seminaristas será devidamente planejado, acompanhado e avaliado. Evitar-se improvisação, imediatismo, empirismo, pragmatismo. Por isso, seu formador tem o cuidado de escolher comunidades ou situações pastorais em estes jovens possam encontrar condições para uma reflexão crítica e para uma ação pastoral não marcada por orientações demasiadamente unilaterais.

O engajamento pastoral deles se prolonga durante todo o ano letivo, mas sem prejudicar os estudos.

Os períodos de férias escolares são também valorizados para contatos com a própria família e a comunidade de origem, e para estágios, seja na diocese, seja em áreas missionárias.

Em algumas dioceses, o Bispo e os formadores têm enviado os jovens para missões nos períodos de férias para adquirirem ainda mais habilidade no trato com comunidade, bem como, o desenvolvimento de atitudes criativas devido a experiências, na maioria inédita, a citar: moradores de rua, abrigos para dependentes químicos, catadores de papel.

Outra atenção cotidiana intensa se dá pelos estudos acadêmicos. São nas palavras deles, trabalhos e mais trabalhos.

Estes jovens buscam, nem sempre com facilidade, integrar a dimensão intelectual com outras dimensões, sobretudo a espiritual, vale citar São Boaventura: Ninguém pense que lhe baste à leitura sem a unção, a especulação sem a devoção, a busca sem o assombro, a observação sem a exultação, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade.

Entretanto, são jovens, também entretidos com as tarefas e temas formativos que dizem respeito ao humano afetivo, ao comunitário e ao espiritual. Dedicam à experiência comunitária um tempo muito intenso.

Intenso, pois tanto as felicitações como as intrigas são energia para o dia-a-dia. Não é difícil percebê-los nas ditas panelinhas, todavia, estes mesmos, quando necessário ganham uma força de coletividade, que rompem as “panelas”, e se representam muito bem, a exemplo, quando colocados em “check” por quem quer destituir a credibilidade da casa formativa que residem.

Nesse contexto acho pertinente citar o essencial da descrição que Fabri dos Anjos (1999, p.531ss.), faz, tendo em vista especialmente a ética e a religiosidade dos jovens brasileiros, sintetiza em sete traços prementes, constatáveis também nos jovens dos seminários: Nessas sete características podem ser detectados sejam os elementos da crise de valores em curso (da anomia e do relativismo dominantes), sejam os que apontam para valores que permanecem e, às vezes surpreendentemente, re-emergem como forças sob formas que se julgavam superadas:

- o Forte valorização do que é subjetivo;

- o Grande tolerância com relação aos modelos de comportamento propostos na sociedade;

- o Insegurança quanto à realização pessoal e, em conseqüência, tendência a exagerar os comportamentos de auto-afirmação;

- o Apreço por laços estreitos dentro do in-group que pertença;

- o Tendência a dilatar por bem mais tempo o momento de tomar decisões que são típicas das pessoas adultas;

- o Sensibilidade ao lúdico, à festa, ao prazer, à valorização da corporeidade;

Atração por expressões religiosas emocionalmente fortes e gregárias, tanto na linha da afirmação quanto na da negação.

É fabuloso, poder perceber a plasticidade e dinâmica presente naquele ambiente, amor e ódio pulsam, sem falar da caridade X egoísmo, e por ai vai se formando, estes organismo vivo, o seminário com seus membros.

## CAPITULO II

### 1. CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES POSSÍVEIS.

Neste segundo capítulo são duas as preocupações. Uma se refere ao olhar sociológico sobre a conjuntura cultural em que se inserem atualmente seja a instituição do seminário, sejam os jovens que ela acolhe. Esta parte representa uma necessária complementação ao que foi dito no primeiro capítulo, quando se falou da história e se traçaram algumas reflexões sobre o formador e sobre o formando hoje. Além de (1.2. e 1.3.) trabalhar mais detalhadamente o conceito de anomia, como útil a uma compreensão do clima de fundo de nossa época, (1.4.) tecerei algumas considerações críticas sobre o seminário enquanto tal .

Em seguida, (2) tentarei aprofundar o olhar psicológico deste mesmo quadro. Minha preocupação principal será a de aprofundar alguns conceitos imprescindíveis aos objetivos mais fundamentais que a dissertação se propõe. Sucessivamente exporei algo (2.1) sobre o conceito de ilusão e (2.2) sobre o conceito de experiência religiosa e representação em Freud e Winnicott. Em um terceiro ponto (3) falarei do amadurecimento humano, oferecendo uma visão de conjunto do mesmo. Neste parágrafo voltarei à questão do “crer em” e da “independência”. São conceitos necessários à boa compreensão do tipo de amadurecimento psico-espiritual que tenho em mente ao falar de seminaristas católicos. A discussão seguinte tratará os conceitos de (4.1.) normopatía e de desenvolvimento do self no contexto seminarístico e (4.2.) do que Winnicott entende por transicionalidade e *self*. Por fim (4.3.) direi algo sobre o falso e o verdadeiro *self*, noções winnicottianas sem as quais não se entenderá bem a passagem do “crer em” ao “crer verdadeiramente” que minha dissertação toma como seu objeto principal de reflexão e meta do cuidado que formadores e psicoterapeutas devem dispensar aos seminaristas.

## **1. 1. Um olhar Sociológico.**

A formação presbiteral é o eixo fundamental da preparação para o sacerdócio. Ela hoje, mais que em tempos passados, se centra na formação da pessoa. Essa é a condição para que um formando se sinta envolvido, sem apoio, por uma situação social que, usando uma expressão de Émile Durkheim (1893), poderíamos chamar de “anômica”, isto é, carente de valores e princípios pessoais fundantes, além de metas de orientação e padrões de comportamento devidamente interiorizados.

Em uma situação cultural de “relativismo” como é a nossa, o conceito de anomia pode ser de ajuda para a compreensão da experiência vivida pelos seminaristas de hoje, contanto que, não percamos de vista a condição em que a juventude atual vivencia as propostas culturais que lhe são quase que impostas pela mídia e pela sub-cultura a que pertence.

Veremos a seguir, brevemente, o impacto da anomia social sobre a condição do jovem hoje, para, depois, aprofundar o conceito de anomia enquanto fator que pesa na problemática que muitos jovens trazem hoje ao entrarem em uma casa de formação da Igreja Católica (Filosofia e Teologia).

### **1.2. A anomia enquanto um fator que influi sobre o jovem de hoje.**

Na perspectiva psicopedagógica, a característica primeira da anomia é como já diz a etimologia da palavra, a ausência, respectivamente, a perda de referências que possam conduzir com certa clareza a uma progressiva integração das pessoas na sociedade. O colapso social daí resultante tem sérias influências sobre o processo de formação identitária. Faz-se mais penoso o tornar-se psicossocialmente adulto, uma vez que a sociedade em seu todo também vacila quanto aos comportamentos e valores que importam de fato e devem ser preservados com liberdade, autonomia e responsabilidade.

Por séculos, os seminários católicos tiveram como marca registrada o afastamento do mundo e do convívio social, inclusive o da família, como se

tivessem que aplicar a palavra ao pé da letra “se quer Me seguir toma seu arado e não olhe mais para trás e nem para os lados...”. Ele se fundava sobre uma segregação dos candidatos com relação ao seu meio. Pode-se, com uma que outra ressalva, aplicar-se a eles o que (GOFFMAN, 1987) diz sobre “instituição total”. Ao menos em princípio, a diferença entre o seminário e outras instituições “totais”, se devia ao fato de, ao menos em princípio, o seminarista sentir um chamado religioso que o fazia optar na liberdade por aquela condição. Os câmbios sociais e culturais acontecidos dentro e fora da Igreja fizeram com que o seminário, enquanto isolamento, se quebrassem, possibilitando uma interação mais intensa e, em certos casos, uma quase inserção no mundo do cotidiano social. É nesse inter-espço que boa parte da vida seminarística se deve atualmente.

Embora existam casas de formação ainda bastante cerradas e, nessa medida, distantes do que se passa nos ambientes juvenis “normais”, na maioria delas há intercâmbios diretos entre os dois mundos, o dos jovens religiosos – e o do mundo juvenil real. De um modo geral, ao menos segundo minha experiência profissional, parece válido supor que os fermentos da anomia reinante na cultura atravessam a pele hoje fina da instituição de formação. É como descreve (VALLE 2007)<sup>26</sup>.

E, falando da atual geração de jovens que aspiram ao sacerdócio, o mesmo autor comenta em outro texto (Valle, 1994, 77-78)<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Mesmo sem negar a presença de sinais assustadores de anomia e mesmo de degeneração na vida social, psicossocialmente não é válido adotar uma visão apocalíptica do que acontece hoje no processo de socialização da geração jovem. A observação de suas atitudes e comportamentos mostra que ela, isto sim, acusa o impacto do relativismo e se percebe vacilante quanto a comportamentos que envolvam a afetividade e a sexualidade, a política e os compromissos que prendem. Como filhos da sociedade do “imediatos”, do “consumo”, do “individualismo”, etc, os jovens de hoje sentem a atração da massificação e têm dificuldade em identificar o que vale e o que não vale. A formação de sua identidade passa provavelmente por processos mais longos e mais penosos. Seus contatos e vínculos tendem à superficialidade. As decisões são postergadas, tornando provisórias e superficiais opções que outras gerações tomavam bem mais cedo. Há neles uma maior imaturidade afetiva e social.

<sup>27</sup> Nem sempre a juventude tem consciência da ação destes condicionantes, pois se acha submetida à manipulação...e à alienação de uma cultura que mente e empolga para melhor lograr seus objetivos (...) Os jovens (também os religiosos) ... são ... “filhos” dessa (pós)modernidade concreta que aí está. Desempenham nela um vistoso papel: ela é seu habitat natural, seu mundo. São, assim, fortemente marcados pelas características de que este ambiente sociocultural está impregnado (...) tendendo a se deixar moldar por ele. Vem daí sua tendência a uma certa uniformização constatável mesmo em lugares remotos (...) “No entanto seria enganoso pensar que todos nascem de um único molde”, que esse

O que Valle quer dizer é que a condição juvenil em sociedades como a nossa traz em si mesma uma ambigüidade, decorrente da própria cultura que a cria. O “*laboratório vivo da história mundial*” prossegue o autor, mostrando que a juventude vocacionada vive também ela “*uma situação de moratória*” e de instabilidade. De um lado é bastante sensível ao pluralismo e aos modismos culturais vigentes na sub-cultura juvenil; por esse verso, ela se acha exposta às chuvas e trovoada da crise de valores e de critérios (à “*anomia*”) que conota a cultura moderna. Por outro lado, porém, ela é sensível também a valores da tradição, tendendo mesmo a um inegável reacionarismo, patente muito em especial em suas preferências e estilos comportamentais de fundo religioso.

### **1.3. Explicitando o conceito de anomia**

Passemos agora a aprofundar o conceito de anomia, vocábulo de dupla significação: Uma já foi acima enunciada, é a de ausência de leis e normas; a outra é a de violação ou ilegalidade. Na linguagem sociológica, o termo indica, sobretudo, uma carência de normas, de leis reguladoras. Tende a designar uma situação que se estabelece quando surgem circunstâncias históricas de fortes transições vividas por um dado grupo social.

A anomia, para os objetivos da presente reflexão, pode ser entendida como o resultado de uma ruptura entre os objetivos individuais culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançar essas metas. Tem como conseqüência quase inevitável a decadência e a desorganização da estrutura institucional anteriormente estabelecida dentro do sistema social. A anomia corresponde necessariamente a crises, desregramentos e mudanças que tornam questionáveis os modelos sociais tidos como da tradição. Deixa o indivíduo no ar, confuso entre referências que podem contrapor de maneira radical. (cf. MEIRELES, 2001, p. 70).

---

ambiente sociocultural está impregnado (...) tendendo a se deixar moldar por ele. Vem daí sua tendência a uma certa uniformização constatável mesmo em lugares remotos (...) No entanto, seria enganoso pensar que nascem todos de um só molde.



A noção de anomia diz respeito a um amplo conjunto de conceitos. Está muito próxima de um dos termos basilares do pensamento e da análise marxistas: a alienação. Traduz-se em termos da existência de um desregramento fundamental das relações entre o indivíduo e sua sociedade. Deve-se dizer que existe anomia quando as ações individuais não são mais reguladas por normas sociais claras e coercitivas.

É como se, de um lado, a sociedade obliquamente nos mandasse duas mensagens contraditórias – “é necessário manter a moralidade e os valores éticos” – e, por outro, insinuasse ou tolerasse que nossos dirigentes e nossos pares cada vez menos, praticassem essa mesma ética.

A idéia de que a desonestidade possa ou deva ser tolerada ganha, com isto, espaço, alimentando, assim, a crença de que os princípios não têm validade e de que quem os infringe não merece punição.

Para (DURKHEIM, 1893), a anomia desencadeia-se rápida e constantemente em virtude das complexas estruturas sociais, fazendo recrudescer o individualismo dos membros da sociedade e, conseqüentemente, fazendo crescer os efeitos da ausência de princípios e regras válidos para todos.

Nessa dissertação não restrinjo o conceito de anomia, apenas ao social. Nela se refletem não só tensões e pressões entre distintas culturas e modelos, como igualmente perturbações que se dão no interior dos sujeitos e dos grupos. A anomia traz consigo não apenas a desqualificação dos parâmetros anteriores. Como é geradora de dificuldades relativas ao amadurecimento e integração das pessoas em sua individualidade.

A relevância do tema da anomia na atualidade é conseqüência do desequilíbrio entre o progresso e suas normas de controle. Assim, diz (CARDIM 1995)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> “O desenvolvimento, ao aumentar as oportunidades, se amplia o leque de escolhas dos indivíduos e suas demandas pela realização rápida de seus objetivos de melhoria econômica e social e gera importantes impactos nos subsistemas políticos e cultural das sociedades [...] Daí resulta um quadro contraditório, hoje bastante comum nas sociedades que experimentam ou experimentaram algum tipo de

É por essa razão que compreendo que a anomia se configura como uma exacerbação do individualismo.

O esfacelamento do modelo moral e legal produz uma decomposição tanto do tecido social quanto dos sujeitos sociais.

É importante mencionar a tensão que existe entre a mentalidade contemporânea, tão marcada pela secularização e pelo materialismo consumista, e os ideais e preceitos evangélicos que constituem a base e o ideal da vida sacerdotal. Essa é uma contradição à qual não se pode escapar. É típica das condições de nossa época. Compreendê-la abre uma chave de leitura para o choque que o ambiente formativo recebe do ambiente cultural, trazendo especiais dificuldades ao amadurecimento integral do jovem que sente o apelo vocacional.

A cooperação do acompanhamento psicológico para o sucesso do processo de amadurecimento torna-se patente por si mesma. Reconhecer o peso da anomia na tomada de decisão para o ingresso na vida sacerdotal e, concomitantemente, zelar para que o processo formativo não descambe na sistemática tentativa de negar a identidade do sujeito em vista de sua padronização ou conformidade patológica ao modo de vida em questão despontam como desafios de uma formação equilibrada e pautada em critérios eclesiais consistentes e acompanhamento psicológico coerente e constante.

A fidelidade aos valores evangélicos e às tradições da Igreja parecia, no passado, quase que opor-se a um acompanhamento psicológico e psicoterapêutico na formação do futuro padre, pois se temia que se favorecesse não o amadurecimento e sim a dissolução da identidade cristã do seminarista. Hoje, a reavaliação de todas as conseqüências do choque cultural que o seminarista necessariamente experimenta em sua caminhada para o altar, fez a Igreja pensar de modo diferente.

---

desenvolvimento acelerado, de coexistência de progresso e desordem, de modernização e graves desigualdades, de melhorias concretas e insatisfações, em uma palavra de anomia provocada tanto pela escassez, quanto pela abundância”(p. 72-73).

Buscando uma associação respeitosa entre a competência do psicólogo e as exigências que vêm do Evangelho, parte-se da certeza de que o chamado vocacional não supõe que o mundo e o sujeito sejam negados. Eles devem – para poderem desabrochar todas as dimensões de seu ser – ser é reafirmados a partir de uma nova perspectiva.

A diretriz fala incisiva e curta de Bento XVI, vem confirmar que a ajuda psicológica é um suporte válido e, por vezes necessário, para o crescimento livre e consciente da vocação. Isto, na perspectiva da Igreja, que é a teológica, a resposta vocacional em seu amadurecimento não decorre em última análise da psicologia e sim da resposta a um dom de Deus<sup>29</sup>.

A formação para a vida sacerdotal e religiosa é complexa como toda atividade voltada para a educação e promoção da pessoa humana. O fato de lidar com um referencial simbólico religioso a torna ainda mais delicada. A relação entre o profano e sagrado é um choque entre modelos e culturas, algo que sempre se equilibra no paradoxo do próprio mistério da encarnação, segundo o qual o divino se torna carne, unindo categorias que, para existirem, mantêm-se em constante tensão.

A formação para a vida sacerdotal e religiosa lida sempre com a possibilidade madura da adesão, mas também se confronta com a esquizofrenia e a fuga. O formador, aquele que recebe a incumbência direta de promover, administrar e controlar a formação ocupa uma posição essencial nesse processo, entretanto insisto que os seminaristas devem ser sujeitos ativos e participativos, no processo formativo, a fim de se constituírem em qualidade de personalidade, e distantes de uma condição anômica.

---

<sup>29</sup> Falar em formação será sempre falar do ‘mistério do homem’, do homem e da mulher concretos que encontram em Cristo – o Verbo encarnado – o significado da própria existência, a própria identidade e sua vocação na história. A realidade da formação situa-se, de fato, no contexto da revelação como evento histórico. A pedagogia cristã não depende, por isso, de uma filosofia ou de uma ideologia.(apud RODRIGUES e CASAS, 1994, p.457.)

#### 1.4. Outras considerações de ordem crítica.

Silvio José Benelli em seu estudo psicossocial de seminários católicos de São Paulo faz uma crítica demolidora da instituição seminarística. Com Libânio, que assumiu o prefácio da obra e dela fez uma recensão<sup>30</sup> (LIBÂNIO, 2007, p.159-163), e sou atento ao que é levado<sup>31</sup>

A pesquisa de Benelli interessa à minha dissertação por se referir primariamente à instituição seminarística hoje, e por fazê-lo utilizando não a linguagem da teologia e da pedagogia pastoral, mas sim o da psicossociologia crítica. Seu foco de análise é o conjunto da instituição com seu sistema de regras e seu objeto principal é o tipo de subjetividade forjada pela instituição principal. O fato de o autor usar M.Foucault e E.Goffman põe à mostra o lado pesado e oculto (“total”), da trama realmente vivida no cotidiano do seminário, exatamente o que o olhar eclesiástico e do formador nem sempre percebe considerar com a devida atenção.

Escreve (LIBÂNIO 2007, p.160) que com este instrumental analítico são oferecidos elementos para o estudo microfísico de uma instituição que, malgrado suas transformações, é uma instituição disciplinar que exige uma disponibilidade incondicional de todos os seus membros ao que a Igreja tem como objetivo final da formação do padre.

Sem entrar no mérito do referencial teórico de Benelli como adaptado para analisar todos os aspectos da problemática do seminário católico, vejo neste livro um aspecto de grande interesse para meu trabalho. Benelli tentou mapear cuidadosamente, os comportamentos e o discurso dos

---

<sup>30</sup> LIBÂNIO, João Batista, BENELLI, Silvio José. *Pescadores de homens, Estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. Recensão em: Horizonte, Revista de Estudos de Teologia e Ciências da religião. PUC Minas, vol.4, n°8, junho 2006, p.159-161.

<sup>31</sup> Perguntas existenciais, práticas, mas que envolvem uma teia de relações sutis que escapam ao olhar ingênuo e imediato das pessoas. Aproximar-se dessa realidade com instrumentos teóricos permite desvelar mecanismos ocultos ou que se manifestam sob luz diferente. A realidade humana permite muitos ângulos de leitura. Nenhuma esgota, nenhum merece a confiança total. Cada um se cerca do real e desvenda-lhe (apenas um) rincão.

próprios seminaristas e demais atores da vida de três seminários por ele estudados. É como escreve, de novo, (LIBÂNIO *ibidem*, p.161)<sup>32</sup>.

O quadro final que emerge da descrição de BENELLI merece reparos e carece de complementações críticas, mas não deixa de tocar em pontos reais e importantes. Mas tem inegavelmente muito de verdade. Uma verdade que nega em parte o que a instituição idealmente se propõe, ou seja, formar uma pessoa livre e consciente, capaz de fazer uma opção de vida que só pode ser feita por quem é adulto e não por alguém infantilizado por “jogos ambíguos de ajuste”.

O enfoque dessa dissertação não é o de Benelli, que vejo como sócio-crítico, devido aos autores e conceitos dos quais ele utiliza: E.Goffman, M.Foucault e A.Costa Rosa. O objetivo de meu trabalho é de natureza mais psicológica. O que se pretende investigar é o que se passa na evolução experimentada pelo seminarista – ele próprio carregado por vezes de ambigüidades – ao viver durante largos anos em uma instituição que pode, caso não bem conduzida, tornar-se geradora de “relações que são carregadas de conflitos de diversas naturezas, ora obscuros, ora visíveis”, um sistema que pode correr o risco de ser “totalitário”, mais deforma do que forma o padre que a Igreja almeja e precisa.

Deixo à autoridade de J.B. Libânio fazer um questionamento de fundo que é referendado pela experiência dos psicólogos que atuam em seminários<sup>33</sup>.

Concluo dizendo que a anomia social de que se falou anteriormente, caso não se faça um trabalho renovador de amplo respiro na instituição

---

<sup>32</sup> O mundo do seminarista aparece na trajetória de sua vida – carreira moral -, nos processos que é submetido: disciplina, vida comunitária, solidão do quarto, assembléias, festas. Soam termos pesados como “processo de tiranização”, de “arregimentação”, “sistema de autoridade escalonada”, “sistema de privilégios”, “sistema de ajustamentos secundários”, que atravessam a vida dos seminaristas e dos formadores de modo diferente, numa relação dialética (LIBÂNIO, 2007, p.161).

<sup>33</sup> O livro levanta, porém, a pergunta: será que a falência dessa instituição não significa que se exige uma reformulação radical da figura do próprio ministro ordenado? Não se está à espera de uma nova teologia do ministério que não seja o reforço da atual figura? (LIBÂNIO, 2006, p.162).

seminarística e no próprio clero, ao invés de corrigida, receberá um reforço suplementar, com conseqüências para os formandos e para o futuro presbítero.

É aqui que entra uma possível e mesmo indispensável colaboração da Psicologia e da Psicoterapia como ciências de apoio ao presbítero de amanhã.

Passamos, em seguida, a olhar mais de perto essa dimensão psicológica do problema desta dissertação.

## **2. A Psicologia da Religião – História e Aplicação.**

Ao contrário do senso-comum, a psicologia da religião consiste num esforço científico de compreensão da religião e da religiosidade em toda a sua gama de expressões e dimensões. No decurso de tal esforço metódico e criterioso, deparamo-nos com os excessos, as expressões patológicas, os casos de desvio de conduta e de caráter que, a exemplo de qualquer outro fenômeno ou área de experiência humana, também são apreensíveis em religião.

Todavia, para melhor embasar este tema fui ao encontro de obras e autores clássicos, que substancializassem essa tese. William James<sup>34</sup>, - um desses autores - escreveu sobre aspectos da psicologia humana, do funcionamento cerebral até o êxtase religioso, da percepção espacial até a mediunidade psíquica. Ele freqüentemente argumentava de ambos os lados de uma questão com igual talento, concentrando-se na compreensão e explicação das unidades básicas do pensamento. Conceitos fundamentais, tais como as características do pensamento, atenção, hábito e sentimento de racionalidade, prenderam seu interesse. Ele se intrigava mais com a atenção em si mesma do que com os objetos aos quais se presta atenção e fascinava-se mais pelo hábito do que por constelações de hábitos específicos.

Nesse sentido, William James (1995), a rigor, nos coloca com os pés no chão, quando nos convida a refletirmos as bases orgânicas cerebrais que atuam na pessoa durante a experiência religiosa.

---

<sup>34</sup> Para James, “a sobrevivência e os sucessos das religiões se devem primariamente à sua capacidade funcional de dar respostas adequadas a tais perguntas, por exemplo se Deus existe.” Penso que poderia ter incorporado ao texto.

Outro autor contemporâneo que vai nesta mesma linha de pensamento é Raul Marino Júnior (2005), que sustenta que uma série de experiências religiosas bem como a representação de Deus, podem ser compreendidas, em termos de localização em zonas-cerebrais, assim sendo, sustentando uma visão mais positivista da experiência religiosa.

No campo da formação para a vida sacerdotal a psicologia ocupa, atualmente, um papel imprescindível, cuja importância se consolida junto aos responsáveis pela formação e, do mesmo, entre os próprios formandos. São de especial importância, nessa dimensão, os estudos relativos ao amadurecimento integral da pessoa que, no caso daqueles que se preparam para abraçar o sacerdócio ou a vida consagrada<sup>35</sup>.

A psicologia da religião aponta para a necessária compreensão não só da formação para a vida sacerdotal propriamente dita, mas também, da experiência religiosa como componente importante da busca humana pelo amadurecimento, compreendido a partir de uma visão de conjunto como apresentaremos mais à frente. O debate relativo à formação sacerdotal e religiosa abandona, com isso, o nicho exclusivo do saber da igreja, e projetam-se rumo aos movimentos de integração do sujeito.

Ao mesmo tempo, o tema é reintroduzido no âmbito da imanência, trazido para o palco da existência e não mais considerado uma questão absolutamente metafísica, na qual o elemento humano, muitas vezes, é algo a ser depurado e não desenvolvido.

Penso que esse seja o ponto chave para que constatemos a inequívoca importância da aplicação dos conceitos relativos à psicologia da

---

<sup>35</sup> Os valores religiosos e sua dimensão ética é outro ponto a ser melhor abordado. Ele se conecta a dois tipos de estudo. Um é psicossociológico e enfrenta questões como a dos conflitos provocados pelo fundamentalismo religioso (violência religiosa); outro vai na direção de uma antiga linha de pesquisa em PdR, a dos impasses e caminhos que levam ao amadurecimento religioso integral da pessoa e sobre as crises que caracterizam cada uma das passagens da vida humana, do nascimento à idade avançada (VALLE, 2006, p.26).

religião – sob um enfoque clínico psicológico – no âmbito da formação para a vida sacerdotal<sup>36</sup>.

O que a psicologia da religião pretende, portanto, não é a destruição do sentido de transcendente mediante uma espécie de redução do mesmo à imanência. Antes disso percebe-se a busca pelo humano, do sujeito que faz a opção pelo seguimento radical de Cristo e do magistério eclesiástico. O caminho religioso dessa opção está repleto do transcendente, o que não significa que o processo formativo seja uma corrida desesperada para se fugir da condição humana, algo que, não raro, fica implícito no modo como os vocacionados são formados ainda hoje.

Assim, podemos definir que a psicologia da religião delimita as fronteiras entre a ilusão e a realidade, algo que nos lança nas raias da questão da representação de Deus.

## **2.1. O Conceito de Ilusão**

O conceito de *ilusão* em Freud (1920/1976, 1921/1976, 1927/1974, 1933/1976) é marcado pelo componente realização de desejo, mencionado toda vez que o tema é discutido.

As formações ilusórias, portanto, sempre expressam um desejo, o que justifica sugerir que a problemática da ilusão já se faz presente no texto freudiano desde o final do século XIX, especialmente na *Interpretação dos Sonhos*.

No entanto, é apenas em 1908, quando ele discute as relações entre o brincar, a fantasia e a criação literária, que a noção de ilusão pode ser, a

---

<sup>36</sup> Para o psicólogo não existe um objeto que possa ser definido como “religioso” em si mesmo. [...] Qualquer fenômeno, experiência ou fato humano pode ser revestido do sagrado e manifestá-lo. A análise psicocientífica do religioso deve ser feita sempre levando em conta essa imanência concreta que se tece no cotidiano das tramas da vida humana. O objeto essencial da teologia – o Transcendente – não é psicologicamente atingível em si próprio. O que a psicologia, enquanto ciência, pode observar, descrever e sistematizar se circunscreve sempre no âmbito da subjetividade contextualizada de quem faz a experiência do sagrado e não ao sagrado enquanto tal (VALLE, 1998, p. 57).



*posteriori*, inferida. Naquela ocasião, Freud afirma que a fantasia do adulto é o substituto do brincar infantil, e dela o escritor criativo faz uso na construção de uma obra literária, possibilitando ao leitor o acesso a satisfações proibidas que as fantasias representam.

A afirmação de que a linha de continuidade entre o brincar das crianças e as fantasias dos adultos consiste na realização de desejos que ambos representam antecipa sua discussão sobre a ilusão em trabalhos posteriores.

Em 1914, o tema da satisfação de desejo é retomado no bojo da discussão sobre a formação do ideal do ego, representante da tentativa de recuperação do narcisismo perdido da infância quando o eu era seu próprio ideal (Freud, 1914/1974, p. 111).

Neste sentido, o ideal do ego apontaria para o desejo de reencontro com a experiência mítica de completude e perfeição própria do narcisismo primário, mas - e esta é a novidade de 1914 que nos interessa - também se constitui numa defesa contra o reconhecimento do desamparo e da dependência que ameaçam o universo de completude narcísica.

Em 1914, portanto, a realização de desejo que caracteriza o que viria a ser conceituado como ilusão, passa a ser considerada também como uma proteção compensatória e uma manobra defensiva contra a inevitabilidade da dependência e do desamparo.

O componente defensivo, que é então introduzido, passa daí em diante, a ocupar lugar central na noção de ilusão, que aparece pela primeira vez em 1920, como parte do argumento segundo o qual a vida psíquica e seu movimento contínuo de transformação resultam, inexoravelmente, da dialética entre o recalque e as pulsões (Freud, 1920/1976, p. 61).

Freud se refere, então, explicitamente, a uma ilusão benévola (p. 60) representada pelo desejo persistente entre os humanos de acreditar numa pulsão para a perfeição, que os protegeria do duplo reconhecimento de que a vida é um curto intervalo no caminho para a morte e da existência da pulsão de

morte. Neste sentido, ilusão em 1920 representa principalmente a tentativa de negar a ordem pulsional, principalmente no que se refere à compulsão à repetição e à pulsão de morte, e aponta para um estado de coisas livre do conflito e da agressividade, anunciando a discussão de 1921.

O desejo contido na ilusão benévola se apresenta como uma defesa e em oposição ao movimento da pulsão em direção a um estado anterior de coisas, diferentemente do que havia sido defendido em 1914, quando o que dominava era justamente o desejo de retorno a um estado anterior de completude narcísica. Esta reviravolta argumentativa crucial, determinada pela introdução do conceito de pulsão de morte, não elimina, no entanto, o caráter de oposição presente nas duas formulações.

Assim, descrevo a ilusão representa não apenas a tentativa de resistir à instauração do princípio da realidade e, conseqüentemente, o desejo narcísico de preservação do princípio do prazer, mas, também, a possibilidade de sustentação do laço social através da crença no amor do chefe. É justamente a concepção da ilusão como *locus* de origem das formações culturais *vis a vis* seu aspecto protetor e defensivo que constitui o núcleo da discussão do "Futuro de uma ilusão" (Freud, 1927/1974), texto no qual, finalmente, uma definição formal da ilusão é encontrada.

Winnicott, herdeiro legítimo dos textos freudianos, com suas perspectivas tão diferentes sobre a ilusão, contribue para uma reflexão psicanalítica sobre o normal e o patológico na sociedade atual.

O conceito da ilusão, em Winnicott, é, no mínimo, curioso, pois aponta para uma situação paradoxal que prescinde de uma solução definitiva acerca de sua natureza específica.

Neste sentido, ilusão é e não é, ao mesmo tempo, um conceito winnicottiano, estritamente falando, e, conceitualmente, é justamente este seu caráter intermediário, que potencializa seu valor heurístico e atesta sua importância no campo winnicottiano.

Podemos ler em (GARCIA,2007), acerca do pensar Winnicottiano<sup>37</sup>.

Então, em Winnicott, ilusão não aponta para realização de desejo, como em Freud, Tampouco diz respeito à ordem pulsional ou serve de proteção contra o desamparo, mas implica na conceituação de um território intermediário entre a realidade pessoal e o mundo externo, que se constitui a partir de um paradoxo cujo valor reside em ser sustentado como tal.

## **2.2. Experiência Religiosa e Representação.**

Como dissemos acima, a psicologia da religião não pretende eliminar o transcendente, mas mostrá-lo a partir da ótica do amadurecimento e do crescimento humano.

No que tange à experiência religiosa, de modo particular à formação para vida sacerdotal e religiosa, a ilusão é algo, necessário. Não nos referimos, é claro, à concepção de vulgar de ilusão como mero engano ou deturpação da realidade, como escreve Rizzuto<sup>38</sup>.

Ao trabalhar o conceito de representação do objeto religioso, Rizzuto abre a possibilidade de inserir um elemento genuinamente psicanalítico no cerne da formação para a vida sacerdotal e religiosa, validando a noção de que a mesma só pode ser completa quando leva em consideração o ser humano como um todo e não apenas a dimensão religiosa.

---

<sup>37</sup> A distinção entre realidade interna e realidade externa é uma tarefa de vida inteira a que se dedicam os humanos, sem muito sucesso. Estamos irremediavelmente condenados à tensão inerente à tentativa de discriminação dentro/fora, situação que se inaugura na relação mãe-bebê e continua pelo resto da vida. A polaridade interno/externo não esgota as possibilidades levantadas pela questão, mas aponta para a necessária postulação de uma terceira área de experiência que deve ser "preservada em qualquer etapa do amadurecimento em qualquer setor da vida" (Dias, 2003, p. 234) e que, no início, se caracteriza pela onipotência.

<sup>38</sup> Para RIZZUTO se iludir-se significa "brincar" com a realidade assim como essa se apresenta ao sujeito através do filtro de sua capacidade imaginativa, o objeto religioso ilusório necessariamente remete a uma representação. "A projeção e a ilusão são componentes essenciais de qualquer objeto religioso. E no entanto não são suficientes. A projeção é um mecanismo psíquico e pode projetar somente as representações que encontra. Levanta-se, então, a pergunta de como se formaram a representação projetada ou o objeto transicional ou a ilusão". (apud ALETTI, 2007, p. 40).

A compreensão de que o objeto religioso é uma representação oriunda da interação entre psique e realidade, memória e experiência, inconsciente e consciente evidencia a complexidade da formação para a vida religiosa fazendo a emergir a necessidade do alinhamento entre seus pressupostos e o itinerário de amadurecimento humano global.

Deus, ou melhor, sua representação, é motivo temático dessa coerência essencial e da necessidade de que todo o processo formativo seja acompanhado por acompanhamento psicológico.

Isso porque a maneira como cada pessoa representa a Deus, manifesta um determinado estágio, uma determinada compreensão de si mesmo e, no caso específico dos candidatos à vida sacerdotal pode evidenciar o próprio crescimento da compreensão do papel ao qual desejam se consagrar na Igreja e na sociedade<sup>39</sup>.

A análise da representação de Deus que cada sujeito possui simboliza a dinâmica do amadurecimento psíquico e, também, religioso do mesmo. Para o processo formativo em si mesmo e, principalmente, para aqueles que se submetem ao mesmo, essa percepção é vital, pois possibilita um conhecimento mais amplo acerca da eficácia do processo ao mesmo tempo em que garante ao candidato a consciência relativa ao seu amadurecimento pessoal, levando-o a confirmar ou confrontar sua opção por tal gênero de vida<sup>40</sup>.

Essa abordagem psicanalítica é extremamente importante para o estudo e para o aprimoramento do itinerário formativo, bem como a análise de seus membros.

---

<sup>39</sup> No processo de análise, a representação de Deus pode às vezes revelar-se de maneira inteiramente privilegiada e podem evidenciar-se os processos dinâmicos primários que contribuíram para a formação da representação atual do paciente. Também pode ser possível seguir as transformações de tal representação. A própria Rizzuto, nos numerosos casos clínicos que muito oportunamente sustentam suas formulações teóricas, mostra como mudam, no curso do tratamento, as relações e as representações religiosas, conforme as modificações das relações objetais e as vicissitudes da transferência (apud ALETTI, 2007, p. 41).

<sup>40</sup> Segundo a compreensão de Rizzuto, a representação de Deus deriva de uma ampla gama de fatores, cuja totalidade abarca os eventos existenciais mais marcantes do desenvolvimento psíquico e pessoal de cada ser humano.

A inserção da experiência religiosa no contexto da análise psicológica – a representação de Deus como disse, ocupa lugar de destaque aqui – permitindo vislumbrarmos de modo mais significativo a formação enquanto busca de amadurecimento.

A representação de Deus é uma amálgama de experiências algo que, segundo Rizzuto, todos elaboramos a partir da mais tenra idade e que desempenha um papel decisivo no desenvolvimento psíquico e no processo de amadurecimento pessoal e vocacional do candidato à vida sacerdotal. Além disso, a representação do divino desempenha a função de nos afirmar seres reais, fé, conseqüentemente, apontar a dimensão imanente da vocação e do vocacionado<sup>41</sup>.

E isso não como a inserção de um elemento estranho à formação. Trata-se de concretização do próprio objetivo primeiro da formação para a vida sacerdotal, apontando para a complementaridade entre magistério e ciência.

Desse modo, o conceito de ilusão como componente essencial da experiência formativo-religiosa, do qual deriva a própria questão da representação, atua como pedra de toque entre imanência e transcendência, pessoa e instituição, magistério e psicologia<sup>42</sup>.

Esses elementos me permitem trilhar o caminho central do tema do amadurecimento, retomando o profundo pensar teórico winnicottiano e estudando outros teóricos importantes.

Para concluir, cito novamente Winnicott, que encarnou em sua vida valores básicos da cultura inglesa, na área de organização da subjetividade: o

---

<sup>41</sup> Concordo com Winnicott e proponho que o Deus privado de cada ser humano tem o potencial de prover a “comunicação silenciosa”, aumentando assim nosso sentimento de sermos reais. Aqueles que não consideram sua representação de Deus subjetivamente significativa necessitam de outros objetos subjetivos e realidade transicionais para encontrar a si mesmos (RIZUTTO, 2006, p. 268).

<sup>42</sup> [...] O modelo que considera a ilusão religiosa como um fenômeno transicional parece particularmente fecundo de perspectivas heurísticas e clínicas. Permite colher a vitalidade psicológica da experiência religiosa e ao mesmo tempo sua ambivalência. De fato, a possibilidade de fluir da religião como potencial transformativo da personalidade[...] Além disso, sublinha os vínculos da representação de Deus com a representação dos objetos primários e do self[...] (apud ALETTI, 2007, p. 42).

cultivo da diferenciação individual e do lado positivo da idiossincrasia, o cultivo da independência do pensamento e de julgamento; o respeito pela opinião, pela liberdade e pela autonomia do outro; a valorização da experiência e da observação. Em suma, o cultivo da diferenciação.

### **3. O Amadurecimento Humano: visão de conjunto.**

#### **3.1. Do “Crer em” ao “Crer verdadeiramente”**

A abordagem acerca da questão da ilusão e da representação de Deus é essencial para que eu possa dissertar com mais segurança acerca da capacidade de simbolização de seminaristas católicos, no amadurecimento de uma confiança de base que possa fundamentar, por sua vez, uma opção consciente pela vocação ao sacerdócio. Com a expressão **do “crer em” ao “crer verdadeiramente”** é exatamente isto que quero enfatizar como sendo essencial no acompanhamento que o psicólogo deve prestar a seminaristas ainda imaturos em seu desenvolvimento humano-afetivo geral, com reflexos em sua opção vocacional e capacidade de simbolização. O “*belief in*” de que fala Winnicott – uma relação de confiança fundamental -- resulta das primeiras ilusões construídas pelo bebê na relação com sua mãe, num momento de dependência absoluta. O self, em outros momentos amadurece e, ganha novas representações, torna-se um si - mesmo em desenvolvimento com a mãe, e não mais pela mãe. Adquire uma “*capacity to believe*”, uma idéia que se encontra em um texto seminal de (WINNICOTT 1935), no qual o próprio comenta a opinião de M. Klein sobre a psicogênese dos estados maníacos de depressão. É neste texto, ao que parece, que Winnicott abandona os conceitos e terminologias ortodoxas vigentes em ambientes freudianos (que opõem “fantasia” e “realidade”, dando à palavra ilusão um sentido muito distinto do que Winnicott irá desenvolver), uma compreensão nova que enfatiza a complementariedade entre “*inner reality*” e “*external reality*”. É o próprio Winnicott que o diz ao escrever que “*the change in terminology involves a deepening of belief in inner reality* (Winnicott, 1935:129. Apud Hopkins, 2008: 3).

O conceito que começa a germinar na fecunda mente analítica de Winnicott é o seguinte: a “capacidade de crer” (plantada pela experiência primeva do “crer em”), evolutivamente falando, está conectada ao aparecimento da defesa maniacal, uma vez que “ *it is a part of one’s own manic defense to be unable to give full significance to inner reality*” (ibidem, 1935: 129), ou seja, de acreditar nela como sendo algo real, verdadeiro.

No fundo, Winnicott começa aqui a intuir o que aprofundará e complementarizará mais tarde: a superação da defesa maniacal se faz possível graças a um “*holding*” materno adequado às necessidades do bebê , tornando possível a crença na realidade interna (“*belief in inner reality*”) e, vice versa, que é este aprofundamento da crença confiante ( “ *deepening of belief*” ) que cria condições para a suspensão da defesa. Em outros termos: as duas coisas pertencem a um só e mesmo processo de amadurecimento do self.

O uso que Winnicott faz da palavra “ *belief*” é muito significativo para um bom entendimento do “crer em”. De um lado, significa “*believe in the existence of*”, “*believe in the truth of*”, mas há um segundo aspecto de não menor importância:

As the depressive anxieties become less as the result of analysis, and the belief in good internal objects increases, manic defense becomes less intense and less necessary, and so less in evidence ( Winnicott, 1935: 131 ).

Minha insistência em enfatizar a problemática da ilusão apontando não só para seus aspectos positivos, mas também para seu potencial de negação da existência, de fechamento ao mundo e de alienação (anomia), visa encaixar o referencial teórico winnicottiano numa perspectiva ampla, ao invés de submetê-lo a perigosos reducionismos. O mesmo vale para abordagem psicológica do tema da formação.

A formação para a vida sacerdotal vista a partir de uma perspectiva psicanalítica como essa adquire nuances novas e certamente relevantes. Anteriormente já assinalamos a questão da representação e da ilusão. Agora,

quando partimos em busca do processo de amadurecimento retomamos o tema como forma de apresentar a interioridade de tal movimento.

Contudo, tal interioridade não é fechamento para o mundo externo como podem pensar certas correntes eclesiais<sup>43</sup>. O amadurecimento é aqui visto como um itinerário de crescimento que se dá por meio da constante e penosa luta do sujeito em busca de sua capacitação e independência em interação com o ambiente e as pessoas em sua realidade. É uma busca constante de si mesmo; implica uma interioridade em constante interação com o outro, pessoas, ideais e sonhos. É por essa via (*so in-ludere*) que a pessoa se torna capaz de crer realmente no que interpela e dá sentido ao que ela quer, crê ser e é.

Saliente-se a formação do presbítero, assim com a Igreja a entende, é mais que uma educação moral. Urge que a compreendamos a partir do amadurecimento do sujeito dentro de um permanente processo em que ele amadurece do “crer em” a um “crer propriamente dito”. O pensamento de Winnicott é paradigmático nesse sentido, sobretudo, quando o enfoque recai sobre um fenômeno que envolve tanto a dimensão religiosa quanto a psicanalítica que se entrelaçam de tal forma que nem sempre é possível determinar onde começa uma e onde termina a outra.

Outro motivo pelo qual me centro sobre o trabalho de Winnicott é o fato de seu pensamento não constituir um corpo teórico hermético, facilitando assim a utilização do mesmo em um campo delicado quanto o da formação para a vida sacerdotal. Winnicott permite ao terapeuta respeitar a necessária autonomia da Igreja na preparação de seus membros sem abrir mão de um instrumental analítico a partir do qual seja possível pensar crítica e construtivamente, o conjunto do processo de amadurecimento, levando em conta o lado negativo (“falso”) da simbolização religiosa.

---

<sup>43</sup> ‘Pois os candidatos, devem cultivar uma série de qualidades humanas necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de comportar o peso das responsabilidades pastorais Pastores dabo vobis’



É nesse encontro que cada indivíduo, sujeito integrado, como diz Winnicott, processa sua singularidade e torna-se uma entidade viva e real. Uma vez que o potencial inato é inacessível ao conhecimento direto, só podemos conhecer a singularidade de uma pessoa através de suas manifestações num meio cultural determinado.

A obra de Winnicott é um estudo sobre essa singularidade e sua percepção acerca da forma como cada sujeito passa do estado de dependência para o de independência – amadurece - atesta isso.

O conceito de independência constitui um itinerário para Winnicott e jamais um estado permanente. Tal concepção é muito proveitosa para formação sacerdotal e religiosa, uma vez que a consagração definitiva é apenas um aspecto da constante cristificação, isto é, de personificação do próprio Cristo entre as pessoas e no mundo, à qual seus membros são chamados.

É exatamente por isso que a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal nos parece tão apropriada para demonstrar a necessidade da aplicação de modelos psicanalíticos ao itinerário formativo da Igreja.

A teoria do amadurecimento pessoal normal é considerada pelo próprio Winnicott a "espinha dorsal" do seu trabalho teórico e clínico. Para situar a perspectiva a partir da qual ele a desenvolve deve-se, sublinhar que ele foi um pediatra que se tornou psicanalista em virtude da convicção, confirmada em sua prática clínica, de que a maior parte dos problemas que levavam mães e bebês ao seu consultório era devida a dificuldades emocionais extremamente primitivas.

Na evolução de seu pensamento, ele as configurará como dificuldades da relação entre a mãe e o bebê, no primeiro estágio da vida deste, algo que podemos tomar como modelo da relação entre formador e formando no contexto da preparação para a vida sacerdotal e religiosa, "pois é preciso lembrar que os estágios iniciais jamais serão abandonados verdadeiramente, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade,

podemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas as mais tardias” (Winnicott, 1990: 190).

Quando o mundo não é apresentado gradativamente ao novo ser humano, possibilitando que os processos intelectuais superem paulatinamente eventuais falhas adaptativas por parte da mãe, e acontecem invasões ambientais excessivas para esta fase, ocorre uma perda do sentido de continuidade do ser e um retorno defensivo a estados não integrados, como respostas ao ambiente traumático.

Contudo, os fatores concernentes ao amadurecimento não são totalmente de ordem interna. O ambiente exerce um papel vital nesse movimento incessante e eminentemente existencial.

O que está em evidência desde o primeiro momento é um estado de perturbação que acompanha o movimento de amadurecimento pessoal. Winnicott enfatiza de modo particular a palavra perturbação. O amadurecimento, portanto, é incômodo, angustiante, necessário. O sujeito é impelido à individuação por si mesmo e pelo ambiente.

A partir de constatações como essa, o psicanalista enveredou pela busca de conceitos amplos, capazes de preservar e assumir epistemologicamente a dinamicidade irrefreável da vida humana. Desse modo, evidencia-se que, segundo Winnicott, o amadurecimento consiste num movimento progressivo e global para o qual concorrem todas as dimensões da existência humana, do nascimento à morte do sujeito.

Como psicanalista, Winnicott dedicou-se, em especial, ao tratamento e estudo das patologias psicóticas. Nunca, entretanto, abandonou a pediatria. No exercício paralelo de ambas práticas clínicas, pôde constatar que o amadurecimento emocional nos estágios iniciais da vida se relaciona exatamente com os mesmos fenômenos que aparecem no estudo das várias formas de esquizofrenia adulta. Isso porque o amadurecimento, compreendido a partir de uma visão de conjunto, abarca toda a existência ao invés de ser um mero estágio ou etapa linear.

Desse modo, a investigação profunda de um indivíduo de qualquer idade, cujo distúrbio é de tipo esquizofrênico, transforma-se em um estudo do amadurecimento inicial desse indivíduo. No essencial, as dificuldades que equiparam bebês e psicóticos dizem respeito à constituição do si-mesmo (*self*) como identidade unitária e ao contato com a realidade. Nos bebês, elas se devem à sua extrema imaturidade; nos psicóticos, ao fato de eles terem se extraviado em algum ponto do caminho que leva à maturidade.

Porém, é impossível não notar que a questão da unidade e da busca pela mesma permeia todo o seu pensamento. Isso porque os elementos da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott sempre apontam no sentido da continuidade.

A sua compreensão de amadurecimento enquanto movimento incessante, que desconhece linearidade, mas que, como todo processo, pode conduzir a um estado de falsa compreensão acerca de si própria, algo que ocorre com certa frequência no processo formativo para a vida sacerdotal.

#### ***4. Normopatia e desenvolvimento do self no contexto formativo.***

O ambiente e o próprio processo formativo para a vida sacerdotal pode afasta-se do projeto de amadurecimento e induzir os seminaristas a estados patológicos, enquanto ambiente não satisfatório, nos quais imperam somatizações e estados de letargia. Talvez grande parte desse problema deva-se à quebra da referida continuidade do processo de amadurecimento pessoal descrito por Winnicott.

Ao entrar no seminário o jovem é convidado, algumas vezes, ou em casos específicos, explícita e implicitamente, a abandonar qualquer resquício de sua vida passada, superar antigas experiências e adotar a postura de um recipiente vazio.

#### **4.1. A normopatia, simbolização e congelamento do afeto**

Há claras evidências de que os ambientes e os processos formativos padecem de um mal que a sociedade moderna, em especial a brasileira, conhece bem: a Normopatia.

Trata-se de uma letargia inexplicável, doentio imobilismo, cruel apatia, verdadeiro espasmo psíquico, onde tudo parece aceitável.

No caso do seminário isso costuma se manifestar através do recrudescimento de rivalidades, da indiferença ou até mesmo ao repúdio à realidade externa, o que engloba também a história pregressa de cada sujeito.

Analisada sob o ponto de vista da sociedade, a Normopatia parece ser uma doença contagiosa, provocada principalmente pela insensatez e ganância, embutidas nos programas econômicos, na lógica despertada pela uniformidade do consumismo, na alternância estonteante dos padrões tecnológicos e nas violentas modificações dos paradigmas éticos e morais.

Conseqüências mais imediatas e visíveis de seu quadro clínico são a falta de assistência aos necessitados, o terror das drogas, o empobrecimento dos assalariados e trabalhadores, a banalização da violência. Seu principal agente infeccioso é o capitalismo neoliberal, destruidor da produção em pequena escala, gerador da concentração da riqueza nas mãos dos poucos espertalhões, sem endereço, nome ou cara.

Porém, quando aplico esse conceito no âmbito da formação para a vida sacerdotal, observo em certos casos, o peso da quebra da continuidade do processo de amadurecimento pessoal tendo em vista que vezes, algumas disposições para que uma pessoa se torne sacerdote exigem o esfacelamento de antigos vínculos e a conversão absoluta.

Do ponto de vista moral, anormal é o sujeito cuja conduta se insurge contra o “*status quo*”. Neste caso, a anormalidade pode resultar na estigmatização ou na segregação de seu portador.

Diante de tal afirmação percebo em estudos, que candidatos a formação sacerdotal, objetivam tanto a normalidade (norma) que não se dão conta que estão às voltas com a normopatia<sup>44</sup>. Joyce McDougall<sup>45</sup>.

Assim, falar de normopatia é como falar de falsas normalidades, sobre adaptações defensivas. No funcionamento mental do normopata, supõe-se que haja alguma falha exatamente no *pathos*, termo grego que designa “o que se experimenta”.

McDougall amplia do debate ao inserir a questão da desafetação, como um distúrbio da capacidade afetiva, no qual as palavras perdem a função de ligação pulsional (emocional), tornando-se congeladas, esvaziadas de substância e de significação. O que predomina nestes sujeitos eram suas constatações de fracassos: Tem a vida como um peso, um aborrecimento, e vivem uma angustia inominável. Não é difícil perceber o peso de tal condição dentro do difícil e exigente ambiente formativo para a vida sacerdotal, especialmente devido ao fato de que a quebra da continuidade do próprio processo de amadurecimento é uma espécie de condição fundamental para se ingressar na mesma.

Por fim McDougall propõe a existência de um “congelamento” do afeto no caso da normopatia, como um destino diferente dos outros três já citados por Freud para a histeria, a neurose obsessiva e a neurose de angústia, que seriam respectivamente, a conversão, o deslocamento e a livre descarga. Na normopatia, os afetos em questão são de tal magnitude que, se experimentados, teriam um poder desestruturante, ou seja, seriam francamente enlouquecedores.

Devido à falha na capacidade de simbolização decorrente, o sujeito não consegue constituir um objeto da realidade psíquica vinculada ao corpo,

---

<sup>44</sup> Termo batizado por Joyce MCDUGAL, em 1978, em seu trabalho *Em defesa de uma certa anormalidade*.

<sup>45</sup> Neozelandesa radicada na França, indubitavelmente pode ser considerada um dos principais nomes da psicossomática psicanalítica nos dias de hoje. Além disso, se preocupa em problematizar suas próprias idéias quando se depara com os impasses inerentes à prática clínica, permitindo-se trazer à luz novas hipóteses sobre as facetas psíquicas de tal problemas

nem limitar um espaço pessoal interno que o contenha. Os sonhos passam a ter apenas uma função evacuatória (Green, 1975/1988).

As fantasias são produtos de uma atividade compulsiva, destinada apenas a preencher maniacamente um vazio insuportável, decorrente da falta de linearidade do espaço e do tempo (WINNICOTT, 1971/1975).

Assim, a fé se corrompe em ideologia e a relação religiosa expressa pelo “Creio em Deus” se torna um assentimento ao conteúdo doutrinal “Creio que Deus...”.

Os afetos não adquirem uma função representativa (Green, 1973). As ações já não mais têm a capacidade de transformar a realidade, e freqüentemente servem apenas para aliviar o aparelho psíquico de um *quantum* intolerável de estímulos e excitações, gerado pela impossibilidade de reduzir a quantidade maciça de afetos, que não puderam ser elaborados pelo pensamento.

Os objetos religiosos se reduzem a talismãs, a criatividade pessoal, a fantasia e a brincadeira são mortificadas em estereotípias e repetição; o simbolismo religioso decai em realismo e fundamentalismo literalista no confronto com textos sagrados; os ritos religiosos se degradam em rituais obsessivos, tornando mais difícil o processo de amadurecimento..

#### **4.2. Normopatia e falso self**

Winnicott contribuiu sobremaneira para o entendimento da psicopatologia do normopata, pois ele chamou a atenção para a existência de formações psíquicas nas quais as normalidades aparentes eram apenas a fachada de uma problemática psíquica grave, próxima mesmo da psicose “psicose latente”

Winnicott, afirmava a existência de pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida, que estão doentes em sentido oposto (ao do psicótico), dada sua perda de contato com o mundo

subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos. Fica evidente aqui a complexidade e importância do conceito de si-mesmo – *self* – em Winnicott<sup>46</sup>.

Ao formular a questão da constituição do *self* verdadeiro e falso, Winnicott (1960/1983) evidencia que o elemento autêntico no *self* constrói-se sobre a identificação com o objeto, ali onde se constitui um campo relacional, do qual a criança vai emergir como sujeito caso se aceite o paradoxo de que o objeto está ali porque ela o criou magicamente, ao passo que o falso *self* se constrói sobre a base da submissão, sempre que o gesto espontâneo da criança não é acolhido pela mãe.

Para Winnicott o Falso Self, é resultado de invasões excessivas da mãe, pois o narcisismo primário não pode produzir um indivíduo que se desenvolve de seu cerne, mas como uma extensão da casca de um meio ambiente invasor. O que restar do cerne será escondido e, diz Winnicott: “O indivíduo só existe por não ser encontrado”.

No contexto citado, encontra-se o extremo do falso *self* que se implanta como real. Neste extremo o verdadeiro *self* permanece oculto (o si-mesmo relacional afetivo), o que impede a pessoa de se assumir enquanto ser subjetivo, daí da quase impossibilidade de transcender de um “crer em”, que já não pode existir, quanto mais, um “crer em Deus (verdadeiramente)”, enquanto objeto transicional.

A constituição do falso *self* surge também como uma defesa paradoxal, solução de continuidade que vem preservar a continuidade do ser no *self* verdadeiro ameaçado. Com a organização do falso *self*, o sujeito almeja proteger o *self* verdadeiro de novos ataques.

---

<sup>46</sup> WINNICOTT emprega, às vezes, o termo “si mesmo” para referir-se ao estatuto unitário que é alcançado no estágio do EU SOU. Para que esse si-mesmo que já se separou da mãe, e já integrou o verdadeiro e o falso si-mesmo, ele também usa o termo “eu”. Quando o termo “si-mesmo” é empregado nesse sentido da personalidade integrada, Winnicott dirá que, antes dessa conquista, não há si-mesmo (DIAS, 2003, p. 144).

MANNONI (1970, p. 90) mostra que falso e verdadeiro *self* não são “dois tipos de personalidades (...)”, mas uma bipolaridade em um mesmo indivíduo”, sendo que a função primordial do falso *self* é precisamente ocultar e proteger o *self* verdadeiro. Assim, ambos permanecem como vicissitudes naturais de expressão da vida psíquica (PEREDA, 1997)

Trata-se de uma estratégia de sobrevivência baseada na resignação, na qual importa sobreviver em vez de viver. Proteção contra a regressão a estados de não-integração, testemunhando o esforço que demanda ao *self* esta tarefa de unificação, de manter separado o que é ego do que não o é. É a função materna que garantirá a continuidade do sentimento de existir da criança e evitará a reação que resultará na dissociação, culminando com a organização de um falso *self*.

O adulto psicologicamente saudável seria aquele capaz de extrair prazer desta área pessoal intermediária, sem reivindicar do outro a aceitação da objetividade de seus fenômenos subjetivos.

Assim, ele favorece na criança o reconhecimento gradual de suas próprias áreas intermediárias de experiência. Reconhecimento que exige, a princípio, que elas não sejam contestadas quanto a pertencer à realidade interna ou externa (realidade compartilhada), para que a vida imaginativa possa ser fortalecida o suficiente, antes de começar a ser proporcionado à criança o "desilusionamento".

Desse modo, na presença de condições favoráveis, à medida que se desenvolvem os interesses culturais, o objeto transicional do bebê vai sendo gradualmente desinvestido, embora uma parte desta área intermediária de experimentação seja conservada na vida adulta no plano das artes, da religião, das ciências e de todas as manifestações criativas do ser humano (Green, 1978/1988).

Por outro lado, também se observa que um indivíduo com uma elevada potencialidade cognitiva, que o capacita a lidar com sérios fracassos na adaptação à necessidade, pode desenvolver um tipo de distorção da personalidade que Winnicott (1960/1983) denomina falso *self*, juntamente com uma perversão da atividade mental, à medida que ela é utilizada contra a psique.

Também o surgimento da religiosidade individual é visto em função de (e em continuidade com) as características gerais do desenvolvimento do *self*. Basta recordar que, em 1967, chamado a proferir uma conferência sobre



evangelização na família, “Winnicott, surpreendeu o auditório falando quase que exclusivamente dos cuidados pré-verbais, a partir da importância”, decisiva da maneira como a criança é segurada nos braços. Só um “ambiente facilitador”, que se pode resumir na expressão “mãe suficientemente boa”, e daí confiável, permite aqueles processos de amadurecimento e de crescimento na confiança (Winnicott, 1982), que estão na base da possibilidade de ‘Crer em’ e, ao mesmo tempo, da “capacidade de ficar sozinho”

Todavia, a subjetividade ainda desponta como potência e não como realidade. Mais para o lado da normalidade o falso self tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao *self* verdadeiro emergir, protagonizando um jogo psíquico vital, para o qual o *holding* e sua aplicação concreta do dia-a-dia da formação dos candidatos à vida sacerdotal atua beneficentemente.

Winnicott (1952/1978) chama a atenção para o papel que os processos intelectuais assumem nessa época. Através deles, os fracassos do meio ambiente podem ser gradualmente levados em conta e tolerados. É um processo que se pode perceber no andamento da psicoterapia de alguns seminaristas.

Eles funcionam como um elo entre a adaptação incompleta e a completa, permitindo ao indivíduo preencher a lacuna existente entre ambas e assim obter uma compensação para as falhas ambientais.

Não obstante, partindo para a questão da transicionalidade, tem-se aqui, como suposto, que a tarefa de aceitação da realidade nunca está completa, que nenhum ser humano está livre da tensão a realidade de pôr em relação interna com a realidade externa, e que o alívio dessa tensão é providenciado por uma área intermediária de experiência que nunca é posta em dúvida (arte, religião, etc.).

Essa área intermediária está em continuidade direta com a área da brincadeira da criança pequena, que fica “perdida” na brincadeira. Uma das funções fundamentais dos objetos transicionais, a de favorecer “a tarefa de aceitação do real”, fazendo a ponte entre o mundo subjetivo e a realidade

objetiva, acompanha a vida toda do homem, (WINNICOTT, 1975), tendo, assim, características especiais próprias só a ela.

Essa experiência transicional não é característica exclusiva dos estágios iniciais do desenvolvimento da criança, a ilusão se reencontra no adulto como refúgio, lugar de suspensão da lógica racional, capacidade de brincar com as próprias fantasias e, também, com as realidades circunstantes da vida, de maneira criativa, ou seja, não só refúgio nostálgico e regressivo, mas lugar originário da experiência pessoal mais profunda; da experiência erótica, da intuição estética e da fé religiosa.

Pensar a ilusão religiosa como um fenômeno transicional, parece particularmente fecundo de representativas heurísticas e clínicas. Permite colher a vitalidade psicológica da experiência religiosa e, ao mesmo tempo, sua ambivalência.

Além disso, o modelo sublinha da representação de Deus com a representação dos objetos primários e do *self* e com a história relacional do sujeito, a partir das mais precoces experiências parentais; embora deixe em aberto o problema do desembaraçamento das relações entre representação inconsciente e posicionamento pessoal.

Revaloriza os componentes emotivo-afetivos, éticos, estéticos e lúdicos que sustentam, no indivíduo, uma criativa apropriação do universo simbólico religioso, ao lado, e mais incisivamente, dos componentes cognitivos e sociais. Dá conta do fato que o posicionamento pessoal do crente está sempre em tensão dialética com as formas institucionalizadas da religião (dogma, culto, organização), recortado que é em uma “zona intermediária” entre subjetividade e objetividade. Assinala a interação de símbolos e ritos religiosos codificados com o processo pessoal de “conferimento de sentido”, que pode explicar quer a aceitação quer a recusa da crença ou a sua utilização em formas dê-s-viadas e per-versas e/ou criadoras e inovadoras, com relação ao sistema simbólico religioso institucional.

#### **4.3. O verdadeiro e falso *self*.**

Mais de uma vez se falou aqui de falso e verdadeiro self, expressões cunhadas por Winnicott e que, evidentemente, não devem ser entendidas no sentido comum que se atribui a esses dois adjetivos. Os conceitos são importantes pelo fato de estarem de alguma forma subentendidos no título da dissertação, razão pela qual se torna necessário explicar melhor seu sentido no contexto da teoria Winnicottiana.

O que Winnicott chama de falso self emerge muito cedo na psique infantil. No seu início, fica evidente a inabilidade da mãe em perceber e responder as necessidades de seus bebês. Ela, ao invés de atender ao que o bebê precisa, substitui ai gestos do bebê pelos seus próprios, levando a criança a se submeter. Resultam daí distúrbios de alimentação, irritabilidade generalizada e sensação de irrealidade. A criança passa a viver sem “uma continuidade de ser”. Em pacientes que não desenvolvem adequadamente um self se percebe o hábito de desconhecer ou negar a realidade interna, o que torna difícil a abertura ao processo analítico por ocasião da psicoterapia. Isto pude, mais de uma vez perceber em meus pacientes seminaristas.

O falso self, portanto, corresponde a uma defesa contra as ameaças de aniquilamento provenientes das omissões de cuidados maternos. A mãe não funciona como um “verdadeiro espelho” no qual a criança, tendo sido satisfeitas suas necessidades, passa a se descobrir como uma “pessoa total”, como um sujeito desejante, capaz de se defrontar com o mundo real e de desenvolver-se paulatinamente no sentido de uma verdadeira independência, estabelecendo uma “conciliação entre imitar os pais e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal (WINNICOTT, 1983).

A mãe que repetidamente é “suficientemente boa” e complementa o senso de onipotência ilusoriamente vivido pelo bebê, permite que a criança se sinta real ou verdadeiramente ela. Sentir-se real é viver como si mesmo, de modo independente, confiante e criativo, três sinais inequívocos do amadurecimento do self.

## Capítulo III

### 1. Apresentação dos resultados colhidos.

No capítulo segundo nos detivemos na explicitação de uma série de conceitos psicanalíticos inspirados em Winnicott que segundo nossa hipótese de fundo pode ser de grande utilidade ao psicoterapeuta que se dedica a acompanhar o processo de amadurecimento psicológico integral de seminaristas católicos.

No presente capítulo trata-se de ver como em cinco casos bem concretos se dá a passagem de uma visão ainda idealizada e ainda marcada pela “falsidade” (no sentido Winnicottiano), a uma posição ancorada nos processos de um self que já superou suas fragilidades evolutivas, chegando a ter condições de uma opção pessoal da exigente proposta de vida que a Igreja faz aos seus presbíteros.

Sei que o ideal, academicamente falando, seria mostrar de maneira bem clara como em cada caso clínico se verificou a passagem de um “crer em” ainda infantil e irreal a um verdadeiro crer, nascido não só dos processos psicológicos de cada sujeito, mais também do esforço conjunto de formadores e psicólogos de criar na casa de formação um ambiente de confiança e acolhimento afetivamente capaz de propiciar a superação dos elementos de imaturidade que cada um trouxe por ocasião do despertar de seu ideal vocacional e entrada no seminário.

Tenho consciência de que minha análise dos casos é ainda modesta, não obstante, em termos pessoais, eu a vejo como rica em vários elementos que Winnicott com tanta sensibilidade terapêutica sintetizou em sua teoria do amadurecimento humano. Ao menos algo dessa riqueza espero poder passar aos comentários que seguem.

Advirto que não se trata de mostrar um êxito pleno e definitivo em cada um dos casos. O que houve foi um progresso verdadeiro com uma correlativa superação de impasses e cegueiras que pareciam não ter solução. Os cinco seminaristas que me permitiram acompanhá-los, graças ao clima de

confiança que a psicoterapia criou, puderam se conhecer melhor, tornando-se mais “verdadeiros, na busca de seu ideal vocacional.

Com este olhar clínico estarei complementando o olhar histórico-institucional, o olhar sociológico e o olhar psicológico que lancei nos dois primeiros capítulos iniciais.

## **1.2 – Os casos Clínicos.**

O primeiro, caso clínico, será de Pedro, um Jovem de 26 anos, estudante de teologia, que revelará o porquê de minha inquietude com o tema representação simbólica e normopatia.

O segundo será Renato, 25 anos, também estudante de teologia, jovem muito dinâmico, que durante o acompanhamento psicológico, pode se perceber canalizando, de forma mais efetiva seu potencial dinâmico, pois tinha uma liderança, pontuada por si mesmo, como deverás negativa.

O terceiro Ricardo, 19 anos, estudante de filosofia, um jovem muitíssimo criativo, que vivia um processo de embotamento (fechamento) tal, que não se permitia vibrar com suas produções, nem fazer a outros satisfeitos.

O quarto Sérgio, 23 anos, estudante de filosofia, jovem bastante inseguro, entretanto por sua atuação comunitária, acabava por compensação estampando uma imagem até de auto-suficiência.

O quinto e último Guilherme, 21 (vinte e um) anos de idade, estudante de filosofia, outro jovem muito criativo, mais fechado, muito temeroso frente a apresentar-se em público.

O trabalho disposto a esses jovens foi de **Psicoterapia individual:** Atendimento psicoterapêutico que visa ao tratamento dos distúrbios psicológicos, emocionais, intelectuais, funcionais, evolutivos, entre outros.

As sessões tiveram duração de 50 (cinquenta) minutos cada, por um período mínimo de 6 (seis) meses.

## **2– Os jovens na Intimidade.**

### **2.1 - Pedro,**

Filho de pais separados, bem jovem entre os 4 (quatro) irmãos, irmãos, estes com os quais tem pouco contato, devido à sua rotina de vida, bem como por morar longe deles.

O pai viu pouquíssimas vezes na vida, mesmo morando na mesma cidade que ele, antes de vir para o seminário.

Proximidade maior com a mãe e uma irmã que mora com a mãe, entretanto a mãe tinha uma rotina de trabalho, para sustentar a casa, tão intensa que pouco ficava em casa; quando em casa estava, vezes vinha acompanhada de um parceiro, com quem tinha muitos conflitos.

Pedro vem de família protestante, e ativa inclusive, motivo que fez que Pedro se percebesse desprestigiado quando anunciou seu ingresso no seminário, após encontros vocacionais, que fazia com o consentimento e conhecimento somente de sua mãe.

Teve um ambiente familiar bastante desestruturado, onde mãe e irmãos envolviam-se em casos amorosos que na maioria das vezes não se mantinham mais que meses, levando estes parceiros e parceiras, levados para dentro de sua casa. Numa dessas ocasiões, Pedro acabou por sofrer abuso físico e sexual, motivo que o abalou muito. Por essas e outras razões, os relacionamentos e o clima vividos por Pedro em sua infância não foram de acolhimento, levando-o a buscar o isolamento e repulsa pelas pessoas.

Faltaram-lhe adultos (principalmente a mãe) em condições de amadurecer seu self, liberando-o de uma condição de submissão e carência.

Desde a infância recebia apelidos maldosos de colegas de escola, escola essa, que não o alfabetizou a contento por deficiências estruturais do município e pedagógica, creio eu.

Buscou no início da juventude, trabalhos onde pudesse estar sempre só, distante daí de todos, inclusive família, que por sua dinâmica o tencionava ainda mais.

Tinha e tem uma capacidade de criativa enorme, entretanto débil.

Por seu temperamento mais explosivo era sempre provocado por seus colegas, logo, mais um elemento que fazia que Pedro se fechasse.

Sua representação de Deus se dava, como sendo de um tirano, pois penitência era palavra de ordem para Pedro. Seus mínimos gestos cotidianos, mesmo se em reação a provocações alheias, eram motivos para ele se penalizar diante de seu Deus que o castigaria por tal comportamento.

Parece negativo o relato acerca de Pedro mais foi exatamente assim que ele chegou para o acompanhamento psicoterapêutico, muito machucado emocionalmente.

Felizmente Pedro contou com a sensibilidade de seu formador, que de pronto o encaminhou para acompanhamento individual, percebendo não sua intimidade propriamente dita, mas seus comportamentos: silêncio excessivo, fuga da comunidade, individualismo, e solicitações excessivas para sair e se confessar.

Pedro chega então para acompanhamento psicológico, dizendo não saber bem o que estava fazendo ali, pois o padre formador havia pedido para que ele me procurasse, e ele só era um pouco nervoso. Comentava de início que quem mais precisava da ajuda de psicólogo eram seus amigos seminaristas, sabendo Pedro que o serviço psicológico fora disposto a todos os seminaristas da casa.

As primeiras sessões foram, como na maioria dos casos atendidos por mim, de desensibilização, de aproximação, de estabelecimento de confiança, esta última tarefa nada fácil com Pedro, tendo em vista que se mostrava descrente dessa possibilidade relacional humana, por que a confiança muito provavelmente lhe faltou em termos de holding em seus relacionamentos precoces com a mãe.

Sempre pergunto aos seminaristas que atendo, o porquê de estarem no seminário, e com Pedro não foi diferente. De pronto me respondeu que era para ajudar as pessoas, coisa que pouco fizeram por ele, mas que ele sentia muito medo se daria ou não conta de orientar.

Dizia que entrar no seminário foi uma coisa muito boa em sua vida, pois agora tinha uma condição de vida mais “tranqüila”, e tinha quem gostasse dele. Entretanto, relatava conflitos permanentes com seus colegas, formador e também na faculdade. Desta forma pude perceber que tranqüilidade para Pedro significava algo diferente do que significava para maioria das pessoas.

Pedro percebia a sua sexualidade como algo nocivo. Comentava que não gostava de se ver excitado, pois isso lhe trazia péssimas lembranças, e lhe causava grande confusão, pois não sabia o que fazer com aquilo – (Prazer).

A atenção a liturgia nas missas era umas das poucas coisas que lhe davam prazer, Pedro dizia que adorava fiscalizar as pessoas para ver se elas fariam tudo certo durante a missa, caso percebesse algo incorreto trazia-o para as sessões como tema gozoso.

Assim eram as sessões com Pedro queixas e queixas, sobre o quanto o mundo o aborrece, o quanto é deixado de lado, e se sente não querido pelo formador e demais padres da diocese.

Permiti a Pedro, que se empanturrasse desses assuntos, afim de que pudesse se dar conta do quanto se vitimava, obviamente respeitando e considerando que teve uma história de vida que de fato o moldou bem como ele se percebia. Entretanto, pude, após algumas sessões chamar sua atenção, para o quanto não estava se permitindo buscar alternativas para dar conta de suas queixas. Quando abri a ele essa chave de reflexão, Pedro ficou ainda mais angustiado, porém, graças à confiança estabelecida entre nós permitiu-se deprimir-se, leia-se conscientizar-se, mais profundamente, e não somente com fatos cotidianos.



Passou a chorar bastante nas sessões, dizendo que quanto mais pensava mais confuso se sentia, ao mesmo tempo que começava a sentir algo novo em sua vida, percebendo que outros tinham carinho e zelo por ele.

Pedro certo dia, se surpreende com seu próprio discurso, quando disse de pronto que estava percebendo que e se penalizava menos por seus erros e passava a conversar mais consigo, não como um ato autista, mas sim de maneira reflexiva.

Não foi fácil para Pedro, mas com o acompanhamento psicológico, bem como, principalmente sua casa de formação acolhedora e educativa, pôde em meses iniciar um processo de re-significação de sua personalidade, de sua relação com o meio ambiente, com Deus.

Penso que em casos como de Pedro, se não contam com um ambiente facilitador, onde ele possa testar reflexivamente nas sessões seus sentimentos: apego, confiança, tristeza, raiva, desamor e honestidade e etc. O seminarista acabar por ancorar sua existência, vocação e relacionamentos em um falso self, o que dificultará sua passagem a um crer verdadeiramente.

Pedro pode perceber ao longo de seu processo de acompanhamento psicológico, que se escorava em legalidades e normas para representar na totalidade sua vida, e que sua entrada no seminário representou, no mais puro do termo, um movimento anômico, onde todo seu passado fora destituído, em detrimento do momento atual e de sua percepção da realidade. Pôde, assim, perceber que a vida seminarística o deixara com relação a sua futura missão pastoral e também em termos do amadurecimento pessoal.

Pedro teve que lidar não somente com suas resistências frente a mudanças, mas com a de seus colegas seminaristas, que pouco entendiam das mudanças comportamentais, que ele mostrava.

Pedro me dizia que parecia que seus colegas não queriam que ele mudasse. Pude conversar com Pedro sobre o fato das pessoas precisarem de um tempo para perceber diferenças em seus pares e que assim como foi com ele, percepção da mudança, por parte de seus colegas era gradual.

Outra superação de Pedro foi o se distanciar, como resultado de seu amadurecimento psicológico, das enormes dores que sentia no estômago. A visão de Winnicott da relação corpo-psique serviu como explicação para o acontecido.

Chegava a procurar o pronto-socorro da cidade em que morava, para ter sua dor avaliada e suprimida, o diagnóstico dos clínicos de plantão era o de estresse e ansiedade, como disparadores de seu mal-estar gástrico.

Pedro durante o tempo que participou do acompanhamento psicológico foi também atendido, cerca de quatro vezes por um médico gastroenterologista, que após exames clínicos, reafirmou o discurso dos médicos plantonistas, que o atenderam nas ocasiões citadas acima.

Pedro consegue hoje sonhar e se permite iludir-se, no sentido winnicottiano do termo, ter esperança no que há de vir, vivendo a transicionalidade, num processo dinâmico e contínuo de amadurecimento. Tornando-se uma pessoa capaz de “Crer em si”, e conseqüentemente de “Crer em Deus”, de um Deus que não era mais apenas a representação primitiva, do pai, que no caso de Pedro, era alguém fisicamente ausente, mas persecutoriamente presente no vigiar e penalizar.

Deus, para Pedro, significa hoje, algo maior que moralidade; é percebido como alguém amigo, presente nas pessoas, pai, mãe, irmão e psicólogo.

Pedro começa a ser capaz de entender e a vivenciar Deus como alguém com quem se relacionar, e não “parasitar”, nas palavras de Pedro.

Pedro hoje celebra sua família, conseguindo pensar cada membro desta em uma perspectiva individualizada, o que não o impede de se entristecer ao lembrar-se do que não teve e continua não tendo em sua família. Porém, não busca mais compensações e amizades exclusivas.

Não se entenda a descrição acima como uma superação completa e definitiva no que em Pedro era “falso self”. O que se quer sublinhar é que Pedro encontrou um “espelho verdadeiro”. Com isto pode dar início a

decodificação e nomeação do que provavelmente aprendera quando bebê, em um ambiente e com uma mãe que não possibilitou a ele identificar-se consigo mesmo em termos de self.

Não tenho nem em Pedro, nem em nenhum paciente que já atendi um modelo de ser - humano saudável graças à psicoterapia. Sem dúvida tenho nele e em muitos que já atendi uma pessoa capaz de enfrentar sua própria historicidade, e conseguir dar à sua vida uma continuidade, recuperando elementos de toda sua história.

O importante com Pedro, foi descobrir com ele, quantos elementos saudáveis, prazerosos e verdadeiros ele havia perdido e silenciado. Foi um processo de garimpagem, que sem dúvida levou a encontrar algum ouro de bom quilate, apesar da ganga impura também presente.

### **2.1.2 - Renato**

Renato chegou ao atendimento psicológico após saber por colegas seminaristas que era uma ajuda interessante que o seminário coloca à disposição dos formandos.

Abordou-me numa atividade festiva do seminário, dizendo que ouvira boas coisas a meu respeito, e que gostaria de iniciar um acompanhamento, disse que estaria à disposição, mais que deveria falar com seu formador.

Na primeira sessão em que compareceu, ele disse de pronto, que seu formador já havia aprovado o acompanhamento, mas que ele havia resistido, e que só depois de me analisar à distância aceitou o que havia sido proposta de seu formador.

Tem como postura inicial na relação comigo, uma forma de falar técnica, um discurso quase perfeito, palavras medidas, para serem verbalizadas, destoando da postura corporal jogada na poltrona que se sentava. Testava, talvez, se podia “confiar em” mim.

Renato é o filho caçula de uma família de cinco membros. O pai é alfabetizado e comerciante, a mãe tem o curso de magistério e trabalha em educação, os irmãos têm o ensino médio concluído, Renato é o único com curso superior e pós-graduação iniciada, esta trancada por conta do curso de teologia.

Cito a formação educacional dos familiares de Renato, pois é uma temática muito presente em sua fala nas sessões iniciais.

Diz que já passou por acompanhamento psicológico, numa outra casa de formação em que viveu, por poucos meses, e que não fôra uma experiência muito boa, pois o psicólogo, segundo ele, servia o formador de informações dadas no espaço psicoterapêutico.

Daí diz que hoje com a formação intelectual que tem, consegue bem distinguir o que seja um bom acompanhamento, eu como psicólogo entendo essa fala, muito mais como resistência que elogio.

Renato diz ainda, que me percebe como uma pessoa muito espirituosa, sem que tenha idéia de minha vida de oração e espiritualidade, só sabe que professo a mesma fé que ele, por me ver em ocasiões raras em, missas festivas no seminário.

Renato antes de ingressar no atual seminário, morou com parentes, num Estado diferente do de seus pais, dizendo ter mais condições para se formar, o que de fato é real. Entretanto, depois de estabelecida uma relação transferencial mais significativa comigo, Renato começou a revelar que tinha algumas situações no seio familiar com as quais não conseguia lidar.

Dizia que o pai tinha muito problema com o alcoolismo, e que graças a isso sua mãe ficava triste e se desinteressava pelos afazeres da casa, como exemplo, pagar contas de água, luz, telefone; e seus irmãos, devido à idade mais avançada, se preocupavam mais com seus planejamentos futuros que com o que se passava no lar.

Nessa situação Renato passou, desde o início da juventude a se responsabilizar, pela administração da casa a partir dos recursos que seus pais

traziam, salvo por períodos curtos em que seus pais estavam “em paz”, e assumiam a administração da casa.

Graças a essa dinâmica vivencial, Renato passou a sentir grande raiva pelo pai, que via como um homem insuficiente, e em relação à mãe sua atitude ao contrário era de consolá-la sempre que algo tumultuava a sua vida. Pelos irmãos sentia inveja, pois estes conseguiam gerenciar suas vidas fora do âmbito da família.

Renato, então com a anuência entristecida da mãe, vai morar com parentes em outro Estado, isso por volta de seus 18 anos de idade.

Neste novo lar, não experimenta relações afetivas significativas, os seus, nas palavras de Renato são como “sócios”, de um negócio que é seu, “capacitação profissional”. Neste tempo passou a ter contato com alguns padres e seminaristas que conhecia de sua cidade natal.

Passou a trabalhar como efetivo numa boa empresa, no ramo de educação, daí buscou os religiosos conhecidos para aplicar seus conhecimentos nas comunidades que eles atendiam, por razão do ministério pastoral.

Esta proximidade de Renato foi tamanha, que ele diz ter pegado gosto, pela missão pastoral, que resolveu aceitar um convite de um formador para entrar num seminário.

Diz que foi um período muito bom de sua vida, pois ensinou muita coisa, para muita gente, até o formador vinha consultar com ele acerca da administração do seminário, até de assuntos que envolviam o desligamento de algum colega de seminário, ele era consultado, e isso tudo ocorrendo ainda como iniciante no seminário, primeiro ano de filosofia.

O fato, é que Renato não ficou mais que este ano no seminário, diz ter saído porque o formador e os padres do conselho de formação não compreendiam suas idéias.

Daí Renato voltou para casa de seus familiares, retomou o emprego ora deixado, se aplicou ainda mais nos estudos e capacitação, não obstante,

encontrou neste tempo uma família, que a mãe desta família trabalha com ele, e passou a ter com eles contatos, e deste contato se viu absorvido por aquela família, nas palavras de Renato, “ali vi uma família que se ama, onde cada um dá conta de seus compromissos e vivem bem”.

Renato me dizia que conseguia explicar teoricamente, muito bem aquilo que vivia, mais era como se aquilo não fosse possível a ele.

Passado algum tempo Renato, a convite de outro formador, do seminário em questão, resolve novamente fazer a experiência de ser seminarista, contudo, a mesma sensação que tinha de perceber as pessoas em harmonia, não que não se conflitassem, mais que se cooperavam.

Sentiu-se estranho, parecia que algo lhe faltava, e foi justamente essa sensação de falta que disparou seu processo de acompanhamento psicológico, foi quando alcançamos essa reflexão com Renato, onde ele conseguiu se compreender como teórico para tudo que fazia, que as coisas efetivamente mudaram para ele, no âmbito emocional.

Renato passou a perceber melhor o quanto era tirano com seus colegas de seminário, principalmente com os iniciantes, fazia questão de sustentar a postura de onipotência idealizada por ele, acerca dele. Ai de um iniciante interpelá-lo, frente a alguma critica ou sugestão, passava por cima como um “trator”, graças a tal comportamento, pode descobrir que não era querido por ninguém, e sim temido, sendo assim, amor sem temor, mais por disposição, passou a ser um tema quase que inédito em sua vida.

Com a reflexão deste tema no acompanhamento psicológico, no dia-a-dia com os seus no seminário, e principalmente com a família amiga, passou a fazer trocas afetivas mais livres, o que o permitiu relacionar-se e significar, nas palavras dele “melhor com Deus”, que era para Renato um Grande Mestre, que o dotava de todo conhecimento possível.

Hoje Renato se contenta em se decepcionar com as pessoas e se ver decepcionado, pois diz ele, “as pessoas são na sua possibilidade e eu com elas”.

Sua postura e comportamento mudaram tanto, que sua família, nas também, palavras dele, ficou “mais saudável”, pois a até bem pouco tempo ainda, gerenciava sua casa (dos pais), à distância, se desentendia com o pai constantemente, e dos irmãos procurava não ter notícias, entretanto, agora que mudou sua postura, liga para o pai para saber novidades do negócio que tem, o que nas palavras Renato lhe rendeu o tombo de moto mais gostoso de sua vida, pois visitando os pais, saiu de moto com seu pai e tomaram um tombo num trecho com muita areia, não se machucaram, mais riram muito, “foi de fato um momento de conversão”, diz Renato.

Permitiu que sua mãe se virasse com a casa, graças a isso ela conseguiu comprar uma casa e sair do aluguel, diz, vez ou outra a mãe liga para se queixar de seu pai e da administração da casa, ouve, acolhe, mais não se responsabiliza, e dentro desse pacote todo, revela que o pai esta bebendo muito esporadicamente.

Finalizando o âmbito familiar, com seus irmãos passou a ter uma relação muito próxima, inclusive é padrinho de uma de suas sobrinhas.

No seminário de sabido, passou a ser quem busca ser sábio, entendendo-se como cooperador de um sistema de ensino, onde ele principalmente percebe que tem muito a aprender.

### **2.1.3 Ricardo**

Um Jovem criativo e genial, como inúmeros que venho encontrando no atendimento a seminaristas.

Ricardo, logo que entra no seminário, é conduzido, encaminhado para o acompanhamento psicológico, não por ter alguma queixa, mais por ao longo de seu acompanhamento vocacional não ter apresentado nunca queixa alguma, e de fato para ele parecia estar sempre tudo ótimo.

Ricardo pertence a uma família na seguinte constituição, mãe natural e um irmão consangüíneo, padrasto que incorpora outros três irmãos, estes últimos artistas, auto-ditadas: música, desenho, pintura em tela e etc.

Desde o início do acompanhamento, tudo que pergunto a Ricardo esta bom para ele, mais quando pergunto, bom como? O que houve para que tal ocorrido no cotidiano ficasse bom, diz não saber responder.

Traz para uma das sessões uma pasta enorme, com desenhos, músicas e poesias feitas por ele, um material de qualidade, segundo minha humilde análise neste campo que não domino, mais transito. Pergunto quem no seminário conhece seus trabalhos, e diz que ninguém, inclusive que nem na sua casa os familiares têm idéia de tudo que produz; que quem mais sabe de suas obras, é um amigo que teve no ensino fundamental II, que também desenha bem, que inclusive, chegaram a criar jornais na escola, mais sempre o nome que aparecia era do amigo.

Diz que sabe tocar muito bem violão, mas que no seminário evita fazê-lo. Pergunto se é por vergonha, e Ricardo diz que não, afirma que é por não ter vontade mesmo. Pergunto então do que ele tem vontade, e reafirma, de nada!

De sua família pouco fala, saber algo de Ricardo, e estar com disposição de sacar com saca-rolhas.

Comentava que seu comportamento em muitos momentos irritava seu formador, que buscava acesso para diálogo, quanto esperanças futuras com a formação que recebia no seminário, e não saia nada mais que um: “quero ser um bom padre!”.

Então perguntei de seus sonhos noturnos, e pela primeira vez vi Ricardo surpreso com uma pergunta colocada por mim. Ficou um tanto sem jeito, e buscou responder que não se lembrava, pedi-lhe então que desenhasse o que lhe viesse na cabeça, como uma forma de tentarmos aproximá-lo da lembrança de seus sonhos. Ricardo iniciou os desenhos, mas logo que se viu estruturando seu material gráfico, parou o desenho e pediu se poderia falar de sonhos em outro momento, no que foi atendido de pronto.

Passadas algumas sessões, novamente é criado na sessão uma atmosfera que versava para o tema sonho, Ricardo como inteligente que é, compreende a mensagem e resolve falar do assunto.



Diz, ter sonhos recorrente com mulheres, garotas que conhece ou conheceu ao longo de sua juventude e em trabalhos pastorais que já realiza. Sonhos estes dotados de conteúdos sensuais, vestes leves, abraços apertados e beijos carinhosos.

Ricardo, então agarrasse a essa chave reflexão e passa a deliciar-se em seus devaneios durante as sessões.

Interessante a menção que ao passo que iniciou estas reflexões passou a se dispor muito mais a cooperação no seminário, e mais, a dispor seus dons musicais nas missas diárias.

Busquei com o tempo explorar com ele, o porquê dele nunca ter se permitido ao namoro, ou ao “ficar” eventualmente com uma garota que conhecesse, antes do ingresso no seminário, e rápido me responde, que tem medo de magoar uma mulher como sua mãe deve ter sido magoada por seu pai biológico, que não conhece, bem como, parecer demais com os irmãos mais velhos, que se envolvem frequentemente com garotas, e ficar mais do lado do pai (que considera), do que com a mãe.

Ricardo então se apresenta como refém de uma situação, que segundo ele era evitada em absoluto em sua casa, o relacionamento anterior da mãe!

Ricardo, após alguns meses de acompanhamento, resolve entrar nesse assunto com a mãe, instruído por mim, inclusive a respeitar o tempo da mãe frente este tema. Ricardo me conta que de forma sutil, aproveitou de um feriado que estava em casa somente com a mãe, entrou no assunto, a mãe após um suspiro demorado, disse que o relacionamento com seu pai biológico não foi boa coisa nem para ela nem para ele, que eram muito imaturos para segurarem um relacionamento, e até, porque eles já estavam começando a se fazerem mal um ao outro: ofensas resultado de ciúmes e brigas por condições financeiras, deste modo, acabou que terminou o relacionamento e o pai sumiu.

Ricardo comentava isso tudo com expressiva tranquilidade, comentando também do medo que sentia de abandonar a mãe por se parecer e fazer como os enteados da mãe, sua mãe respondeu, segundo ele, muito a

vontade: “eles são seus irmão, eu tenho minha vida com você e não por você, pode se parecer com quem quiser que seja, será sempre meu filho...”.

Ricardo encerra a sessão com um grande sorriso estampado no rosto, dizendo que iria se dedicar a pastoral mais que nunca. E assim ocorre, semana após semanas, Ricardo comentando do quanto está atuando nas pastorais e no seminário, inclusive diz estar recebendo muitos elogios de seu formador, revela que nas reuniões de avaliação é um dos que mais participa e sugere, “sinto que estou com o gás todo!”.

Passa durante as sessões a utilizar muitas gírias comuns à juventude, altera seu jeito de vestir e amplia seu gosto musical, gosto esse que estava centrado em músicas religiosas.

Pergunto a Ricardo, o que mudou na sua idéia de Deus, tento em vista sua mudança na postura de vida. Ele me responde que Deus tanto fazia para ele, ele sabia que tinha que amar e respeitar a Deus, dar testemunho de piedade religiosa, expressa nos enormes crucifixo que usava, mais tudo aquilo não significava muito.

Ficava com pesar por quem o ouvia falar de Deus, pois pensava pra si, e daí tudo isso, importante disser que Ricardo não banalizava Deus, ele somente não representava Deus como algo que fizesse muito sentido para ele, até porque o próprio Ricardo em sua dinâmica vivencial buscava não se representar e sentir-se, então antes um desrespeito a Deus, a ele foi primeiro.

Ricardo diz: “que bom hoje encher a boca para falar de Deus, um Deus que faz sentido para mim, que me relaciono com ele, aprendo dele através do Espírito Santo que age em mim, e me motiva a estar com os outros”.

E por falar em outro, Ricardo passa a ter na pastoral uma jovem de sua idade, que vem lhe auxiliando em suas atividades em grupos de jovens que orienta.

Ricardo volta a ficar desinteressado em seus relatos nas sessões, e de pronto pergunto se ele não esta gostando da tal garota, depois de pouco

resistir, diz que se percebe apaixonado por ela, mais que teme decepcionar seu formado, justamente no seu melhor momento no seminário.

Falamos deste tema por mais uma ou duas sessões, para que Ricardo se encorajasse a falar com seu formador, que de início se assustou com o romance desejado por Ricardo, entretanto, depois de explicado mais profundamente ao formador suas motivações e bloqueios que tinha, o mesmo o aconselhou a ter um tempo para pensar, em seus sentimento e motivações, para mais tarde resolver sair ou não do seminário.

Passado alguns meses, Ricardo começou a se perceber irritado com o seminário e sua rotina cotidiana, de tudo se queixava, e dizia recorrentemente, que não via à hora de chegar em casa para sair e tocar violão com os irmãos.

Daí foi orientado a procurar seu formador e lhe comunicar sua saída, o que de fato foi acolhida pelo formador, “mesmo que a contragosto, ele disse que ele não queria que eu saísse, por querer o bem do seminário, e me fez muitos elogios, entretanto por entender que aquele tempo seria de discernimento, rezou e achou forças em meio as suas muitas fragilidades e concordou, deixando claro que as portas do seminário estarão sempre abertas para mim”, diz Ricardo.

Hoje tenho pouco contato com Ricardo, mais sei que esta cursando outro curso universitário, que não filosofia, que esta namorando, não a garota da pastoral e que ainda reflete se ainda voltará ao seminário.

#### **2.1.4 Sérgio**

Um jovem, absolutamente formal, assim ele se apresentou para o acompanhamento psicológico, extremamente zeloso com as palavras, entretanto, fazia construções de frases muito incorretas, acreditando que sua linguagem era ora rebuscada, ou mesmo erudita.

Sérgio é o filho mais velho, de uma família composta por quatro membros. Sua família sempre viveu uma condição econômica muito desfavorável, fato que sempre pesou muito para ele, até porque tinha primos

que gozavam de uma condição econômica melhor que a dele, e dizia nunca conseguir compreender o porquê daquilo. Morava no mesmo terreno da casa do avô paterno.

Seus pais por problemas de saúde têm dificuldade em conseguir colocação no mercado de trabalho e o irmão mais novo é um “folgado”, que ele acaba sustentando também à distância.

Nas primeiras sessões trata de dar essas informações de sua família e mergulha num outro universo, nas palavras de Sérgio, muito mais interessante, o da formação para o sacerdócio.

Sérgio se queixava de nunca ter podido usar batina preta no seminário, para ir à faculdade, admirava quem o fazia.

Conta que fora educado por sua avó materna, na espiritualidade, saía com ela para rezar terços por todo bairro que moravam e que foi ensinado a ser sempre sério nas coisas de Deus, e assim, queria permanecer no seminário, motivo esse de certo conflito com o seu formador, que tinha uma postura pautada na “teologia da libertação”, isso quer dizer, menos preocupado com um modelo “antigo” de padres, principalmente com a batina.

Revela que seu dia-a-dia no seminário destoava dos outros seminaristas que rezavam pouco, e não eram sérios como ele.

Sérgio deixa escapar e não se dá conta, e assim permito que siga, quando em meio a sua fala sobre os ensinamentos da avó, diz que era fantástico sair para os terços com a avó e tomarem café nas casas que iam rezar, ou seja, ter o que não tinha em casa. Caso fizesse qualquer insinuação desta naquele momento, Sérgio negaria na hora.

E assim foram os primeiros meses de acompanhamento com Sérgio, ouvir de sua seriedade com as coisas de Deus e das insuficiências de seus colegas e formador quanto à espiritualidade muito inferior a sua.

Dizia se bastar somente em Deus, como que não se importassem companhias e opiniões alheias.

Falava sempre do respeito que devotava a mim, por eu ser psicólogo e ele o paciente, e tão somente por esse fato, já se dizia totalmente confiante no acompanhamento psicológico de pronto.

Com tempo comecei a questionar acerca do porque tantos desencontros comunitários, se o Deus que ele tanto fala e professa pregou e viveu a comunhão, e antes que ele começasse a responder teologicamente, pedi para que respondesse usando, um exemplo de sua vida.

Sérgio então ficou meio sem jeito, e pessoa a esbravejar, como que insinuando que eu não dando crédito a sua forma de falar.

De pronto respondi a Sérgio que sua fala era bem vinda sim, todavia, caso quisesse poderia fazer com ele uma experiência nova, de construir a partir do que ele tinha, mais um olhar novo diante da sua forma de viver a sua religiosidade, bem como sua imagem de Deus, que se confundia a sua. Pois percebia que sua forma religiosa de ser era guiada por um imperativo categórico Deus, não por uma disposição de sua parte.

Tive que ser firme junto com Sérgio, mais conseguiu embarcar nessa reflexão proposta por mim, Sérgio chegou até a ensaiar deixar o acompanhamento, mais felizmente não o fez.

Com desenvolvimento da reflexão, Sérgio pôde ir percebendo que buscava não existir, que seu transito relacional buscava salvaguardar que ninguém se aproximasse, desta forma, ficando cada vez mais evidente que seu comportamento agressivo se dava, mais por ser uma pessoa extremamente medrosa, que arrogante de fato.

A condição de desfavorecimento econômico foi tamanha, como percebida em outros relatos que Sérgio acabou fazendo, onde descreve que já passou por episódio de ver sua casa quase que levantando vôo, devido uma tempestade e fragilidade do imóvel.

Desta forma reflito, o quanto Sérgio tentou cercar-se de altos muros, já que não foi possível fazer em sua casa, construindo um muro simbólico, e mais, com o desenvolvimento do acompanhamento conseguimos isso com

muito sofrimento para Sérgio, nos aproximar a idéia de que Sérgio gestava a idéia inconsciente, de que todos os seus colegas de seminário representavam a imagem seus primos, pessoas com condição financeira sempre melhor que a sua.

O comportamento de Sérgio foi tão bem executado por ele, e estava tão cristalizado, que foi bastante difícil encorajá-lo a assumir uma postura diferente.

Gradativamente Sérgio começou a queixar-se menos tanto nas sessões, como no seminário, segundo palavras dele próprio; buscando aproximar-se de seus colegas, encontrado sem dúvida muita resistência por parte dos seminaristas, foi preciso até mesmo que seu formador atuasse a seu favor, pois se assim não fosse, Sérgio dificilmente, conseguiria acessar seus colegas.

Sérgio pediu para que seu formador falasse comigo a fim de explicar o quanto poderia concorrer para a melhora da qualidade emocional e relacional de Sérgio, uma atitude de acolhida por parte do formador, no que se referia a reintegrado ao grupo. Assim foi feito, e atualmente já se conta três anos que esse fato ocorreu e Sérgio vem se comportando cada vez melhor comunitariamente.

E continua, enviando do que pode algum dinheiro para o auxílio da família. E, esta aí, um tema ainda não trabalhado, enquanto habilitado a bem se relacionar com seus familiares. Sérgio já descobriu a motivação que o expulsava da relação social, contudo estar se sentindo bem no seio familiar aí está longe, motivado do que conta, inclusive, pela inflexibilidade de seus pais, frente à dinâmica de manutenção da condição de pobreza, a fim de estarem sempre aos olhares piedosos de seus familiares.

Outro dado de extrema relevância, no caso de Sérgio, eram as enormes crises de cefaléias que tinha graças a elas exames médicos clínicos feitos, e nenhum componente orgânico-fisiológico foi encontrado, e segundo Sérgio, os próprios médicos que o atendia, reforçavam a tese de que ele

deveria continuar com seu atendimento psicológico, a fim de dar conta daquelas queixas psicossomáticas.

No desenvolvimento do acompanhamento ficou também evidente a suspensão quase que absoluta de queixas que se referissem a cefaléias, pois creio que tal se manifestava, como uma forma primitiva de seu corpo gritar uma queixa, hoje como descrita acima, melhor mentalizada e significada.

Hoje Sérgio se alegra em representar Deus, de forma diferente daquela de “Magnanimo e Inacessível”, e diz: que bom Te-lo hoje como amigo, assim como os que aprendo a ter no dia-a-dia, inclusive para pedir a Ele que me ajude a revisar minha infância e olhar para minha família de forma mais caridosa”.

#### **2.1.5 Guilherme.**

Esse rapaz vem de uma família, tida como estruturada, sem conflitos maiores.

Aprendeu com o pai a trabalhar desde cedo, e viu no comportamento da mãe a representação maior deste discurso do pai, não que este último não fizesse jus ao que ensinava.

Morou com sua família num bairro onde tem muitos lugares para entretenimento e próximo ao centro da cidade. Daí que sempre esteve às vezes com festas, principalmente as noturnas, salvo os momentos em que estava trabalhando, aí tinha que moderar seu ritmo de festas.

Músicas eletrônicas, sempre foram o seu forte, gostava de tomar suas “cervejinhas”, sempre que tinha um dinheiro na mão. Gostava de deixar sempre algum dinheiro com seus pais para ajudar nas despesas domésticas.

E foi através de um grupo de jovem, que Guilherme se viu encantado com a vida seminarística, e de forma muito rápida, fez os encontros vocacionais e ingressou no seminário, este processo todo, não superou cinco meses. Revela que foi uma grande surpresa para todos os seus amigos, e garotas com quem “paquerava”, “elas ficaram me dizendo que eu iria saia do

seminário rápido e estariam me esperando na porta, pois eu era muito mulherengo”.

E tendo em vista que Guilherme surpreendeu até mesmo sua família, não fica difícil compreender que fez o processo de ingresso sem muita reflexão.

Guilherme solicitou acompanhamento, frente ao seu formador, que permitiu de pronto, pois Guilherme dizia de uma dificuldade, quase que paralisante de se colocar em público, sendo que a maioria de seus empregos até então exercido, foram com trato direto com público.

Perguntei de início o porque de estar no seminário, alguém como ele, que tinha um cotidiano que em nada se parece com a rotina de um seminário, e então me diz que ”desencanou do mundão”, que descobriu no grupo de jovem um outro sentido de vida e de Deus.

Já na terceira sessão ao discutirmos que dificuldade era maior para ele, toco no assunto de suas potencialidades, todas que tinha antes do ingresso no seminário, e ele insiste, em quer uma vida nova.

Busco insistir em suas potencialidades e ele bloqueia.

Passada algumas sessões dentre outras coisas ele me diz que havia feito uma promessa para um primo deixar as drogas, e que prometia a Deus largar a vida que tinha de “zuera” e se dedicar mais as pessoas, e disseram a ele que promessas a Deus não pode descumprir. Daí, pude ter uma noção muito clara do padecer de Guilherme. Ele encontrou no seminário o espaço para o cumprimento de uma promessa, não um lugar que o formaria para uma missão futura, o ser padre.

Pedi que Guilherme procurasse um padre mais esclarecido, que pudesse desmistificar a questão da promessa assumida por ele, a fim de dar-lhe elementos para rever sua escolha de permanecer no seminário.

Guilherme voltou da conversa com o padre muito feliz, sentindo-se liberto.



Ai se viu numa crise, pois também não queria sair do seminário, estava gostando do que estava vivendo, e passando a construir expectativas acerca do ser um futuro padre.

Disse a Guilherme que a escolha de estar no seminário ou não e somente dele, que o máximo que eu teria a fazer por ele seria orientá-lo para que no prazo mais breve possível desse conta de reincorporar suas potencialidades e gostos a condição de seminarista que tem, compreendendo com eles os limites que envolveriam tal ação.

E assim foi feito, em pouco tempo Guilherme volta ser aquele jovem de fácil relacionamento, comunicativo e vibrante.

É orientado por mim e por seu formador a procurar seus pais e explica-lhes o motivo de sua entrada, de forma cautelosa, até para não expor o primo, e mais partilhar com eles as motivações que tinha em continuar no seminário.

Fato que até onde sei, Guilherme continua no seminário, muito dedicado a pastoral, sem problemas maiores com publico, e quanto as garotas diz esta muito tranqüilo: “tenho saudades de estar com uma garota, e não me sinto proibido, contudo, faço valer o que me é solicitado neste tempo de formação e exercício para a vida futura o celibato. Me sinto a vontade para falar desse assunto com meu formador, daí fica mais fácil ainda de lidar com esse elemento de minha vida...”.

### **3. Discussão dos casos atendidos.**

#### **Pedro e Sérgio**

Farei a seguir uma análise dos casos relatados, tendo em vista as descrições teóricas elaboradas nesta dissertação, de forma, a me guiar pelos propósitos iniciais que me inspiraram.

Entendo que o papel do acompanhamento psicológico, teve relevância significativa, em termos de cooperação, com um processo formativo, que neste seminário estava se estruturando.

A relação que aqueles jovens tiveram comigo, verdadeiramente, abriu portas para eles, não por eu ser uma pessoa especial ou extraordinária, somente por praticar uma técnica, que me permitiu fazer, uma análise da vida deles, singular a possível, no dia-a-dia.

Compreendo que estes cinco jovens adultos, estavam deverás despersonalizados, buscando a altos custos se perderem de si próprios. Vivendo, como descrito anteriormente, a perspectiva falsa de seu self, caminhando para um processo anômico, entretanto, basta lembrarmos os casos, para constatarmos eles, os casos, difere bastante em termos da intensidade dos falsos *selves*, e dinâmicas psíquicas.

Podemos ver em Pedro, uma grande despersonalização, provavelmente a mais grave, ao lado da de Sérgio, por ter faltado, um trato materno e familiar, em termos de um “ambiente facilitador”, desde tenra idade.

Fato que Winnicott, (1990, p190) defende que “é preciso lembrar que os estágios iniciais jamais serão abandonados verdadeiramente, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, podemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas as mais tardias”, mais nos dois casos citados, os estágios iniciais, quase que os paralisaram, a ponto de conseguirem viver, somente escorados numa realidade absurdamente concreta, logo sem fantasiarem, iludirem-se, no que diz respeito ao “Crer em”.

Ambos, viviam uma dinâmica “psicótica”, ao contrario, pois se ao psicótico cabe, manter-se na fantasia, por razão de sua personalidade fragmentada, e pelo medo da aniquilação que o real te sugere, a Pedro e Sérgio, cabia, grudarem numa realidade, entendidos como normopatas, e falar destes, é como falar de pessoas que viviam falsas normalidades, sobre adaptações defensivas.

No funcionamento mental do normopata, supõe-se que haja alguma falha exatamente no *pathos*, termo grego que designa “o que se experimenta”.

O comportamento de fuga, de ambos é o que mais, os caracterizam.

O que predomina nestes sujeitos eram suas constatações de fracassos: Tem a vida como um peso, um aborrecimento, e vivem uma angustia inominável.

A capacidade de simbolização era tão primitiva, que buscavam no corpo, uma forma de gritarem queixas, ininteligíveis até mesmo a eles, reações estas psicossomáticas, já que como mencionado anteriormente, padeciam de mal estar físico, contudo nenhum diagnóstico médico-clínico dava conta de nominar tais quadros.

Devido às falhas na capacidade de simbolização decorrente, o sujeito não consegue constituir um objeto da realidade psíquica vinculada ao corpo, nem limitar um espaço pessoal interno que o contenha. Os sonhos passam a ter apenas uma função evacuatória (Green, 1975/1988).

Continuando, os afetos não adquirem uma função representativa (Green, 1973).

As ações já não mais têm a capacidade de transformar a realidade, e freqüentemente servem apenas para aliviar o aparelho psíquico de um *quantum* intolerável de estímulos e excitações, gerado pela impossibilidade de reduzir a quantidade maciça de afetos, que não puderam ser elaborados pelo pensamento.

Assim podem ser melhores descritas as dinâmicas de personalidade destes dois jovens.

Desta forma, a fé, para Pedro e Sérgio, se corrompia em ideologia e a relação religiosa expressa pelo "Creio em Deus" se tornava um assentimento ao conteúdo doutrinal "Creio que Deus...".

Esses dois jovens precisavam, e tiveram um holding, não só do psicólogo, como do formador, padre de pastoral, bispo e demais pessoas da pastoral, o que tornou possível que eles re-elaborarem, ou ousos dizer, que construíssem, como uma linha de relação afetiva, quase que ausente em suas

vidas, novas modalidades vivências, logo, uma retomada do processo de amadurecimento bloqueado até então<sup>47</sup>.

Felizes estes dois jovens, por poderem encontrar um ambiente seminarístico, que difere do referido nos trabalhos de Benelli, e daqueles, tridentinos, pois acredito que foi este espaço, quem primeiro colaborou com a saúde mental (amadurecimento do *self*) destes dois seminaristas

Dentro do quadro clínico inicial deles, se encaixariam perfeitamente nestes modelos negativos de formação, entretanto, estariam sempre, ou ainda mais sufocados e engessados numa dinâmica patológica.

Foi disposto a eles um espaço clínico, onde conseguiram re-significar, gradativamente suas histórias, de modo a identificarem seus pontos nodais (de conflitos maiores), e desenvolverem estratégias para superá-las. Todavia, insisto na menção, que foi principalmente a vivência do “confiar em” que os permitiu um encontro saudável com a vocação escolhida há alguns anos.

Devido às novas relações vividas por Pedro e Sérgio, puderam significar suas vidas espirituais, de oração e contemplação a Deus, como um movimento de encontro e amor por Deus, Deus este como dito anteriormente, um feitor!

## **Renato**

No caso de Renato, os processos intelectuais superaram paulatinamente eventuais falhas adaptativas por parte da mãe, e familiares, pois sofreu invasões ambientais excessivas para uma fase de sua vida, onde

---

<sup>47</sup> O ambiente facilitador requer uma qualidade humana, e não uma perfeição mecânica, de tal modo que a expressão “mãe satisfatória” me parece atender às necessidades de uma descrição daquilo que a criança precisa, se os processos de crescimento herdados se tornarem uma realidade no desenvolvimento dessa criança específica[...] Se houver uma provisão ambiental satisfatória, essas coisas ocorrem com a criança. Porém, se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança à plenitude pessoal (VALLE, 1986, p. 112-113).

ocorreu uma perda do sentido de continuidade do ser e um retorno defensivo a estados não integrados, como resposta ao ambiente traumático.

Renato no seminário acabava por ser um “sabichão”, um “profissional da fé”, entretanto, só Renato, e eu, posteriormente, sabíamos o quanto aquelas falas e gestos eram vazias de representação.

A Renato, a tarefa de transcender de um “crer em” para um “crer verdadeiramente”, era tarefa quase que impossível, pois tudo que ele pensava e fazia, provinha de sua inteligência. Deus neste caso era coadjuvante, solicitado como ouvinte de seus pensares.

Iludir-se estava fora de qualquer questão, pois isso significava perda de controle, logo, os exercícios espirituais dispostos pela formação eram todos bloqueados, principalmente, quando motivavam uma análise mais profunda do seu ser, numa linguagem mais religiosa.

Renato era extremamente materialista, pensar seu futuro sacerdócio, significava pensar os bens que teria para administrar.

Com todos estes comportamentos analisados, se revelaram seus reais significados.

Renato acreditava, inconscientemente, que poderia ajudar a mãe a partir da realidade de sua paróquia, no futuro, e que, se fosse sempre “sabichão” poderia ajudar mais as pessoas, assim como em sua casa.

De fato, a possibilidade de fruir da religião como potencial transformativo da personalidade é acompanhada de uma grande vulnerabilidade a distorções patogênicas, particularmente marcadas por redobramentos defensivos narcísicos e projeções que desembocam em modalidades perversas (por exemplo, autísticas ou fetichistas) de estruturação e evolução da mesma experiência religiosa.

Entretanto, Renato pode perceber ao longo de seu acompanhamento psicológico, que precisava dar sabor e cor a sua experiência religiosa e de vida, nas palavras de Winnicott, brincar com sua realidade, e ser criativo a partir de suas Ilusões e sonhos.

E como resultado de muito esforço reflexivo, Renato passou a gradativamente aprender com os outros, e mais, a compreender o quanto isso lhe trazia contentamento também.

Pode se compreender melhor, inclusive por ler acerca da anomia, tema descrito nesta dissertação, e dinâmica, vivida por ele, quando excluído, por ele próprio, depois pelos seus, devido seu comportamento dominante, do meio comum a que pertencia.

Diferente da conduta que tive com Pedro e Sérgio, para Renato acabava por sugerir algumas leituras de suporte para o que era refletido nas sessões, até porque, este caminho de leituras fazia muito sentido para ele, logo foi aproveitado da melhor forma possível.

Um sintoma de melhora de Renato foi o fato de relatos de sonhos noturnos, que quando começaram a aparecer, o assustou muito, contudo, foi sendo uma forma dele aprender a lidar com um espaço onde as coisas se dão um espaço da ilusão e do transicional, o lugar do vir a ser.

Desse modo, Renato passou a vivenciar a ilusão como componente essencial da experiência formativo-religiosa, do qual deriva a própria questão da representação de Deus.

Graças ao *holding* que recebeu no seminário, na família amiga e na psicoterapia, pode reviver o próprio exercício de ser cuidado (maternagem), para um “Crer em”, pode perceber uma capacidade de crescer com os demais membros da casa, na busca de uma representação mais vivencial e significativa de Deus.

Atualmente Renato percebe, que seu falso *self*, pode inclusive ser um aliado seu, pois aprendeu a sonhar e ter “planos B’s” para problemas pessoais cotidianos, graças a sua flexibilidade vivencial.

Renato hoje consegue viver num ambiente facilitador, nas palavras de Winnicott, bem como servir seus familiares, do mesmo ambiente, quando lá esta.

## **Ricardo**

O mais jovem dos referidos sujeitos da pesquisa, tinha assim como os demais citados, um comportamento e dinâmica psíquica, que também versava para a anomia. E acaba por ser o caso onde a anomia é expressa pela razão emocional, não comportamental, afinal, tinha bom trânsito com todos, só não conseguia servir os seus com seus dons.

O caso de Ricardo retrata o quanto, que o papel do acompanhamento psicológico, por vezes, tem uma função bastante prática, de encorajar a lidar com questões, diria, próximas de serem esclarecidas, no que se refere a vivência da saúde psicológica. Pois neste caso, bastou uma conversa franca com sua mãe, associada a toda reflexão desenvolvida no acompanhamento psicológico, acerca de seu passado, para assim, assumir outro posicionamento no mundo.

Com o relato acima, não quero dizer que no caso de Ricardo, como em outros similares, o acompanhamento psicológico, não tenha função, pelo contrário, funciona como ajuda, para que este esclarecimento, acerca de si seja mais dinâmico, bem como, serve para ilustrar, que o acompanhamento pode ser bem vindo, para formação seminarística, para os mais diversos casos de desajustes de personalidade.

Todavia, cabe a informação, que seu processo de relação, com Deus foi possível, graças à reaproximação que teve com a própria família. Desta forma, Ricardo, alcançou a condição de transcender de um “crer em” para um “crer verdadeiramente, em Deus”, mesmo estando fora do seminário, provando o valor do ambiente formativo, que deixou, bem como a representação de amor que achou em seu lar.

Revalorizou seus componentes emotivo-afetivos, éticos, estéticos e lúdicos que sustentam uma criativa apropriação do universo simbólico religioso, ao lado, e mais incisivamente, dos componentes cognitivos e sociais.

## Guilherme

Guilherme tem uma história que difere dos demais, pois enquanto, com o acompanhamento psicológico, seus colegas conseguiram amadurecer emocionalmente, se distanciando de uma condição de anomia e normopatia, movidas por falsos *selfs*, Guilherme foi orientado a não ingressar neste caminho.

Com Guilherme posso dizer que o trabalho foi mais preventivo que curativo. Fato que defendo muito com os formadores que trabalho, afinal, prevenir é melhor que remediar.

Penso que caso Guilherme não fosse bem acompanhado psicologicamente, e principalmente, como foi com um diretor espiritual, as suas fantasias e ilusões acerca de Deus, poderiam se tornar produtos de uma atividade compulsiva, destinada apenas a preencher maniacamente um vazio insuportável, que no caso, seria a impotência de ajudar o primo a deixar as drogas.

Assim, a fé poderia ter se corrompido em ideologia e a relação religiosa expressa pelo "Creio em Deus", num ato dirigido e mecânico. De modo que os objetos religiosos se reduzissem a talismãs, a criatividade pessoal, a fantasia e a brincadeira, mortificadas em estereotipia e repetição.

Os afetos de Guilherme estavam novamente bem representados, de forma que, suas ações tinham a capacidade de transformar a realidade que vivia, bem como de ser transformado por ela.

Guilherme voltou a ouvir suas músicas eletrônicas, de modo a usá-las em dinâmica com jovens, na prática pastoral, daí, se sentindo muito mais seguro, para se colocar diante das pessoas, desta forma fica clara, a vantagem que existe, quando a pessoa consegue, viver de forma que os elementos de sua vida se complementam, conseguindo retomar dinamicamente seu amadurecimento do *self*.



#### **4. Finalizando a discussão.**

Como percebido nos casos discutidos o processo de análise, da representação de Deus, pode, às vezes, revelar-se de maneira inteiramente privilegiada e podem evidenciar os processos dinâmicos primários que contribuíram para a formação da representação atual do paciente. Também pode ser possível seguir as transformações de tal representação, a fim de favorecer num contínuo seu processo de amadurecimento afetivo e de simbolização, que busca em última análise, nesta dissertação, transcenderem de um “crer em” para um “crer verdadeiramente”.

Finalizo a discussão, defendendo que o acompanhamento psicológico e sim suporte importante para a formação seminarística, entretanto, como fazendo parte de um processo formativo estruturado ou em estruturação, pois ajudar esses jovens a amadurecerem, sem que tenham um lugar estruturado para vivenciarem o que refletem nas consultas, poderá confundi-los ainda mais, por outro lado, o psicólogo deve estar muito atento aos apelos da vida formativa, para não desenvolver um trabalho que em nada some com aqueles que contratam seus serviços. E mais, que o seminário que eles habitavam, ao contrario de negar suas identidades, promoveu condições de crescimento e amadurecimento humano-afetivo.

## 5. Conclusão

Após descrever parte do percurso da história da Igreja no Brasil e no mundo, para poder falar da formação para vida sacerdotal, bem como, descrever uma teoria social e psicológica que me habilitasse discutir os casos clínicos tratados nessa dissertação.

E foi justamente pelo pensar de Winnicott, que consegui compreender o processo dinâmico de amadurecimento e simbolização dos seminaristas estudados, a partir daí, reconhecer a singularidade de cada candidato, no que se refere a déficits no amadurecimento, devido desde inabilidade do trato materno e familiar no início de suas vidas, não obstante, demais traços vivenciais que cronicamente ou circunstancialmente, os impediram de amadurecerem, na construção sempre contínua de seus *selves* e representação do universo religioso a que pertencem logo à representação de Deus, não que Ele esgote toda razão do processo formativo em questão.

Conseguí validar as hipóteses por mim levantadas, para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado de que seminaristas com déficit na capacidade de simbolização tendiam a viver a experiência formativa, de forma Normótica (com pouca representação afetiva).

Percebendo que isto afetava o amadurecimento do *self*, podendo mantê-lo predominantemente falso, ancorado em fantasias primárias e onipotentes. E que este comportamento normótico minimiza as possibilidades de uma vivência autêntica de “crer em”, provocando uma inabilidade em lidar consigo mesmo e com a realidade e, em conseqüência, inviabilizando o crer verdadeiramente que a vocação e o ministério do presbítero exigem.

Todavia, pude também validar ao valor que o processo psicológico teve para estes jovens adultos, bem como para a instituição seminarística que eles representam, pois estes graças também ao processo psicológico, encontravam-se muito mais centrados e seguros de suas escolhas vocacionais.

Cabe a menção, de que neste mesmo período que dispus o atendimento aos pacientes descritos, outros casos atendidos não avançaram com o mesmo êxito, o que acaba por revelar, que esta forma de atendimento individual-

clínico-psicológico, não representa uma única forma de atuação para os seminários católicos. Trabalhos de grupos são também muitíssimo eficaz. Ficando evidente, que um trabalho psicopedagógico nas casas de formação ainda esta em construção, mas que o diálogo entre psicólogo e formadores ainda é o melhor caminho de desenvolvimento de um trabalho para o psicólogo hoje.

Pude perceber que a soma de esforços por parte dos formadores, bispo, psicólogo, padres de pastoral e principalmente com o engajamento dos seminaristas, a tarefa de conduzi-los a um amadurecimento afetivo, e muito viável, permitindo que estes transcendessem, de um “crer em” para “um crer verdadeiramente”.

Encontrei resistências, mais de padres de pastorais, que do próprio formador, estes padres, ora se sentiam no direito de saberem tudo que seus seminaristas de pastoral tratavam com o psicólogo, como em outrora, darem sugestões a eles, seminaristas, para que apresentassem ao psicólogo, como caminho certo de análise, ou seja, queriam coordenar a conduta do psicólogo.

Todavia, muitos foram os padres que creram em meu trabalho e cooperaram comigo, no diálogo e respeito ao meu trabalho, mesmo quando esse não lhes parecia muito claro.

Quanto ao bispo desta diocese, todo meu muito obrigado, pois em momento nenhum se opôs ao trabalho prestado em sua diocese, e mais, procurou como pode habilitar o formador a buscar tantos mais recursos psicológicos e sociais, que pudessem cooperar com a formação do seminário de sua diocese.

Não tive maiores problemas para colher os dados desta pesquisa, tendo em vista, que este foi resultado de um trabalho outrora desenvolvido por mim, com estes jovens adultos.

Gostaria de estudar no futuro, essa mesma capacidade de simbolização e amadurecimento humano-afetivo de seminaristas, a partir, de suas capacidades intelectuais (inteligência), como forma de aferir hipoteticamente,

se mais que compreenderem o universo que vivem, sobre um prisma afetivo, o fazem com convicção intelectual, tendo em vista que não consegui desenvolver esta questão nesta dissertação, bem como, por ouvir de diversos formadores, o quanto muitos dos seminaristas de hoje, vem com dificuldades intelectuais sérias.

Enfim, finalizo com Rizzuto (2001): "Deus como objeto transicional e real, ocupa o *locus parentis*, posição que favorece no paciente o despertar daquelas emoções fortes que estão vinculadas a sua representação de Deus".

## BIBLIOGRAFIA

- ALETTI, M. *A Representação de Deus como Objeto Transicional Ilusório: Perspectivas e problemas de um novo modelo*. In G. Paiva & W. Zangari (orgs), *A representação na religião: perspectivas psicológicas* (p 19-50). São Paulo: Loyola. 2004.
- ANJOS, M.F. *Ética na Relação Igreja e Sociedade*. – São Paulo, Loyola, 1996.
- BENCOSTTA, M.L.A. *Cultura Escolar e História Eclesiástica: Reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário diocesano de Santa Maria (1915-1919)*. Cadernos do CEDES, Campinas – SP, v 1. n. 52, p. 88-103, 2000.
- BENELLE, S.J; ROSA, A.C. *Estudo sobre a formação presbiteral num seminário católico*. Estudos de Psicologia, Campinas – SP, v. 20, n. 3, p.99-123, 2003.
- BENELLI, S. J. *Pescadores de Homens: estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo, UNESP, 2005.
- BENELLI, S.J; SILVA, A. R. A. *Escola: instituição político-pedagógica e normalizadora*. Contemplação, Marília, v. 01, n. 01, 2006.
- CAMPOS, E. P. *Quem Cuida do Cuidador: uma proposta para os profissionais da saúde*. Petrópolis/RJ, Vozes, 2005.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artemed. 2000
- CNBB BRASIL, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Diretrizes básicas. Documento 55: São Paulo, Paulinas, 1995.
- DEL NERO, S. *Eros e Thanatos: fundamentos psicanalíticos/ Sonia Del Nero – São Paulo: Vetor, 2002.*

- DIAS, E. O. *A teoria do Amadurecimento Humano* de D.W. Winnicott/ Elsa Oliveira Dias. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DURKHEIM, E. (1893). *Da divisão do trabalho social*. - São Paulo, Martins Fontes, 1969.
- FERRAZ, F. C. *Normopatia: sobreadaptação e pseudonormalidade* / Flávio Carvalho Ferraz. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- FILHO, J. M. e colaboradores. *Psicossomática Hoje*. Porto Alegre:: Editora Artes Medicas, 1992.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: EDICEP, 1977. p697.
- \_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. V.P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995. P. 231 – 49.
- FREUD, S. (1974). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV, pp. 85 -119). Rio de Janeiro: (Texto original publicado em 1914)
- \_\_\_\_\_, (1976). Além do princípio do prazer. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII, pp. 13-85). Rio de Janeiro: (Texto original publicado em 1920).
- \_\_\_\_\_, (1976). Psicologia de grupo e análise do ego. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII, pp. 89-179). Rio de Janeiro: (Texto original publicado em 1921).
- \_\_\_\_\_, (1974). O futuro de uma ilusão. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21 I, pp. 13-85). Rio de Janeiro: (Texto original publicado em 1927).
- \_\_\_\_\_, (1976). Ansiedade e vida instintual [Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise]. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXII, pp. 103-138). Rio de Janeiro: (Texto original publicado em 1933).

- GIL, A.C. *Como elaborar Projetos de Pesquisa* – São Paulo: Atlas, 1991.
- GOFFMAN, E. *Estigmas: notas sobre a gestão da identidade deteriorada*. Trad. M.B.B. Leite Nunes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. D.M. Leite. 2 ed. – São Paulo: Perspectiva, 1987. 319p.
- GREEN, A. (1994). *O mito: Um objeto transicional coletivo*. Em *O desligamento: Psicanálise, antropologia e literatura* (pp. 117-141). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_, A. (1988). *O desligamento*. Em *Sobre a loucura pessoal* (pp. 280-299). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1978)
- \_\_\_\_\_, A. (1988). *O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico*. Em *Sobre a loucura pessoal* (pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1975)
- JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana* – São Paulo: Cultrix, 1995.
- MARINO JUNIOR, R. *A religião do cérebro: as novas descobertas da neurociência a respeito da fé humana/Raul Marino Junior* – São Paulo: Editora gente, 2005.
- MARMILICZ, André. *O Ambiente Educativo nos Seminários Maiores do Brasil: Teoria e Prática*. Curitiba/PR, 2003.
- MASSIH, Eliana. *O agir terapêutico: um modo possível de cuidar/ Elana Massih* – São Paulo: Educ: Cortez Editora, 2000.
- MC DOUGALL, Joyce. *Teatros do Corpo: o psicossoma em psicanálise / Joyce Mc Dougall; [tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon]*. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MEDEIROS, K.M.C, FERNADES, S.R.A. *O Padre no Brasil: Interpretações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005.

- MEIRELES, M. M. *Anomia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.
- MORANO, C. D. *Crer depois de Freud*. São Paulo: edições Loyola, 2003.
- MOSER, A. *O enigma da esfinge: a sexualidade* / Antôni Moser. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- OUTEIRAL, J. D. W. Winnicott: o homem e a obra. São Paulo, 2007. *In: Revista Viver: Mente&Cérebro*, No. 5, 2007.
- PEREIRA, W. C. C. *A Formação Religiosa em Questão*. São Paulo, Vozes, 2004.
- PINTO, E. B. *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade* / Ênio Brito Pinto – São Paulo: Edit5ora Gente, 1999
- RIZZUTO, A.M. (1998a). *Por que Freud rejeitou Deus*. São Paulo: Loyola, 2001.
- RIZUTTO, A. M. *O Nascimento do Deus Vivo: um estudo psicanalítico*. São Leopoldo/RS, Sinodal, 2006.
- RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan Canals. *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. São Paulo, Paulus, 1994.
- VALLE, J.E.R. *Sacramentos: Uma nova criação*. São Paulo: Heder.1968. (tradução/livro).
- \_\_\_\_\_, *Juventude hoje, que família amanhã?* In: vários;. (org). *Juventude hoje que família de amanhã*. São Paulo: EPB, 1986.
- \_\_\_\_\_, *Construindo a esperança da criança e do adolescente*. In: vários;. (org). *Nutrir sonhos e aspirações*. São Paulo: EPB, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Padre, você é feliz*. Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Loyola, 2003



\_\_\_\_\_, Diálogo profético e Missão. Campinas: Editora Komedi, 2005.

\_\_\_\_\_, *A Psicologia da Religião*. In: USARSKI, F. (Org). O espectro disciplinar da Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas, 2007.

WINNICOTT, D.W.(2000) A tendência anti-social (1956) In: WINNICOTT, D Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ Raízes da agressão (1968) In: WINNICOTT, Clare (org) (1994) *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

\_\_\_\_\_ *The Piggie: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina*. Trad. de Else Pires Vieira e Rosa de Lima Martins. Rio de Janeiro, Imago, 1979

\_\_\_\_\_ (1983) *Psicoterapia dos distúrbios de caráter* In: WINNICOTT, D W.(1987) O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed.

. WINNICOTT, Claire. D.W.W: uma Reflexão. In Giovachini, Peter. (org.) *Táticas e técnicas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas (1995).

\_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas/ por D.W. Winnicott; introdução Masud M. Khan; trad. Davy Bogomoletz*. – Rio de Janeiro: Imago, 2000.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)